

APROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

INFORMAÇÃO .. CULTURA .. RECREIO

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
ÁLVARO VALENTE

Auto - governo dos alunos

Por José dos Santos Marques

Uma das mais interessantes realizações da Escola Nova é fazer da escola uma pequena democracia, onde todos sejam iguais e tenham os mesmos deveres e direitos. A escola passa a ser orientada por um governo de alunos e, por ele, com a comparticipação de todos, são resolvidos os assuntos decorrentes da vida escolar.

Evidentemente que este sistema só atinge a plenitude quando empregado nas escolas destinadas aos alunos mais velhos, isto é, de idade igual ou superior a 12 anos.

O auto-governo poderá ter várias formas de aplicação, conquanto a sua base seja sempre, e intrinsecamente, democrática; ou, mais claramente, embora variem os cargos a distribuir pelos alunos, o processo de votações e a própria organização do sistema, consoante as circunstâncias, o local e o momento, este terá sempre a mesma base democrática com a obrigatoriedade de todos os alunos, sem quaisquer excepções, se manifestarem e, como condição expressa para o seu bom funcionamento, de todos os alunos, também sem excepções, terem absoluta

igualdade de direitos e deveres, e isto porque numa perfeita democracia e como princípio de boa moral (daquela boa moral apregoada por tantos e seguida por tão poucos), todos os cidadãos são iguais perante as leis que os regem, com as mesmas obrigações e os mesmos direitos, sejam quais forem as suas condições sociais, raça ou religião.

Evidentemente que o êxito no emprego do auto-governo depende, na sua maior parte, da clarividência e perfeito sentido pedagógico do educador, a par de uma grande nobreza de carácter, bem como pelo desprezo absoluto de toda a sua superioridade e autoridade pessoal, porque na escola nova o professor é um amigo e não um despota. Se o educador tem o direito de veto numa comunidade escolar onde se aplica o auto-governo, deve exercê-lo, apenas, quando se torne estritamente necessário à verdadeira defesa dos alunos ou da comunidade escolar e nunca movido por sentimentos próprios ou por ideologias contrárias ao bem e ao interesse comuns.

(Continua na página 4)

Estremoz

Igreja de Santo André

À frente, o Pelourinho da cidade



Da Assistência Social

Por Amaral Frazão

Não é esta a primeira vez que falo de assistência social. Já tenho tentado, mesmo, definir o que isso é, mas tenho a impressão que ainda não consegui o que queria: colocar o problema à vista de todos como problema resolvido.

Mas isto que me acontece a mim, por insuficiência de bagagem, sucede a muita gente boa, a tratadistas dos melhores, que possuem malas e caixotes de sabedoria para dar e vender.

Há assuntos que têm a sua época, seu ambiente próprio, seu interesse de momento. A moda toma conta deles. Este da assistência social é dos tais. Já em tempos idos se falou dele. Há

um tempo a esta parte voltou a falar-se.

E acho bem que volte. Entendo mesmo que nunca é demais analisar problemas sociais, principalmente neste momento em que o mundo se revolve e se transforma ainda não se sabe em que e de que maneira.

Após a primeira grande guerra, ou melhor, depois da primeira fase da grande guerra que destruiu civilizações e sistemas, a assistência social foi tratada a primor por humanistas dos maiores, principalmente em França, pátria do espírito,

fonte dos grandes movimentos emancipadores do homem pensante, terra sempre acolhedora e tolerante quando pensa pela sua cabeça.

Não sei quem inventou a assistência social. Por outras palavras, não conheço rigorosamente a origem do sistema que procura dominar, pelo alto valor das suas directrizes morais, o campo em que apenas a assistência, pública ou privada, tem actuado até aqui.

A assistência social não pretende, creio eu, derrubar aquelas, pela simples razão de que, dentro dela, cabem todas as modalidades de assistência, todas as espécies de socorros individuais ou colectivos. Deixaria, até, de ser assistência social, se não abarcasse as múltiplas formas, quer morais, quer materiais, de diluir ou enfraquecer a miséria por maneira que o sentimento da solidariedade possa fazer dos indivíduos, em vez de escravos, homens que o voltem a ser.

Não sei se é assim que hoje, simultaneamente época de coisas reles e brilhantes, se vê a assistência social, mas é assim que eu, na humildade do meu julgamento, a observo e aprecio em suas linhas gerais.



Portugal
Pitoresco

Estremoz

Majestosa Praça, denominada Jardim Rodrigues Tocha, que bem demonstra a magnificência da cidade e o seu esplendor.

Sensacional!...

Concurso de
Prognósticos
de Futebol

Veja a
página 6

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Avelina Rocha Barbosa

Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO
Consultas em Sarilhos Grandes,
às 9 horas, todos os dias, excepto
às sextas feiras.

Dr. Fausto Neiva

Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h.
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia

CLÍNICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. Isabel Gomes Pires

Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Moraes Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48649

Parteiras

Felislba Victória Pina

Parteira - Enfermeira
Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
TELEF. 026 487 — MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira

Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Organizações

Progresso

Oçam todas as 3.ªs feiras às
13 horas, através do Clube
Radiofónico de Portugal o
programa «REVISTA DES-
PORTIVA», uma produção de
Fernando de Sousa, com o
patrocínio deste jornal.

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do
desporto e a favor do desporto.
Produção associada de: Fer-
nando de Sousa, Fernando de
Lacerda e Veríssimo Alves.
Brevemente novos progra-
mas e novas rubricas. Para
a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º-Esq.º
LISBOA

Telefone 026 576

Para boas Fotografias

Foto Montijense

MONTIJO

A função local dum semanário

III

Montijo correspondeu à aparição do seu jornal, — do jornal por que anseava e cuja falta tanto sentia. Logo nos primeiros números se sentiu claramente a simpatia, o desejo de constante desenvolvimento, a vontade insuperável de que ele fosse alguma coisa na Imprensa Portuguesa.

E o jornal continuou e veio até hoje, nas asas dessa vontade e desse desejo, procurando sempre corresponder ao fim para que fora criado e à aspiração donde nascera. Era uma natural manifestação de bairrismo e ao mesmo tempo a consequência do progresso pertinaz que sacudira todo o arcaboço da vida local.

«A Província» bem o compreendeu e sentiu.

E, não obstante aqueles pequenos aborrecimentos que são obrigatórios em empresas desta natureza, segue imperturbável na sua marcha que a divisa adoptada lhe impõe. Quantos nela trabalham, estão convencidos de que têm cumprido seus deveres e assim continuarão, sem transigências nem hesitações.

No entanto, há muito que aperfeiçoar, muito que modificar até que alcance a perfeição ideal. Seria estultícia não o reconhecer. Tudo faremos, porém, para o conseguir e esperamos que, com o andar dos tempos e com a lição dos factos, chegaremos a essa realidade palpável.

Todavia, para que essa realidade se aproxime mais rapidamente é também necessário modificar certas atitudes de vários sectores.

Um jornal, seja ele qual for, tem o seu lado comercial, como qualquer outra empresa, e, para que possa viver com nobreza e com dignidade, é-lhe indispensável alcançar os meios de subsistência, sob pena de baquear estrepitosamente, triste-

mente envolto nas dificuldades que as asfixias produzem.

Ora esse lado comercial sofre, por vezes, cruéis desilusões.

A parte comercial é constituída, na sua maior substância, pela publicidade.

E já tem acontecido que, ao procurá-la, se recebem decepções que magoam, que provocam desânimos, embora passageiros, que chocam profundamente.

Andam os nossos agentes dessa publicidade com toda a honestidade e honradez, procurando servir os interesses comerciais do jornal, os interesses dos próprios visitados, e o prestígio da nossa terra.

Surgem as desculpas, as evasivas, as invocações de muitas impossibilidades reais, e tudo serve para a esquivaça.

Estão no seu direito e ninguém se pode indignar com essas atitudes. Cada um é senhor do seu dinheiro e faz dele o que entender. Cada um sabe da sua vida e orienta-a como melhor lhe parece. Até aqui, nada que reparar.

Mas aparece no «mercado» um pantomineiro, um escroque, um intrujão de polpa, um que vem de fora caçar no mesmo terreno. Tem palavrado, tem patois (como se diz em linguagem popular), tem «cantiga», tem habilidades para convencer. Todas as portas se abrem e logo desaparecem as tais dificuldades e logo se esfumam as desculpas e as evasivas.

Para cúmulo, vão pedindo adiantadamente importâncias e no primeiro vapor, no primeiro combóio, na primeira camioneta, passam-se com «armas e bagagens» e o anúncio nunca mais aparece, e o tal «número especial» que se apregoava nunca mais sai!

Isto significa que: para o jornal conhecido, servido por pessoas que todos conhecem,

cuja honestidade não tem dúvidas, vai uma resposta negativa, desconsoladora, derrotista; para o que chega de fora, para o que ninguém conhece, para o que se apresenta com ares superiores, abre-se a bolsa e o sorriso e dá-se-lhe logo metade ou o total do contrato.

No fim, o dinheiro foi-se, nada se aproveitou, e o pantomineiro, o escroque, o intrujão lá vai todo satisfeito pela vitória, com a certeza de que nem será mais incomodado... porque não vale a pena!

Eis o que tem acontecido e que é necessário acabar. Para bom nome da imprensa local e para terminar com desapontamentos que doem e que magoam.

Um caso de consciência

e de humanidade

Desculpem voltarmos ao assunto; mas desta vez, é para noticiarmos o que de bom suscitou o apelo de «A Província».

Das quatro criancinhas, filhas da infeliz Maria Luisa, três já estão amparadas, com o que sentimos a maior satisfação.

O rapaz está internado no Orfanato Dr. César Fernandes Ventura; a Natividade Maria, está entregue aos cuidados da sr.ª D. Maria José Fernandes Veiga e de seu marido, o sr. José António da Veiga, moradores no Bairro do Mouco, os quais já lhe compraram agasalhos, brincos, fio, e uma cama para seu único uso, a Analina, de 18 meses apenas, está entregue à sr.ª D. Leopoldina Caldas e a seu marido, o sr. Armando Maria Peixinho, moradores no Largo do Lagar, 9 - Montijo.

Falta agora colocar a Maria Vitória, de 9 anos, a qual continua vivendo com a tia, — pessoa muito doente e fraca, sem possibilidades de assistir convenientemente à criança.

Queremos fazer ressaltar o gesto de quantos se interessaram pela sorte e pela vidas das pobrezinhas, incluindo os vizinhos e um criado do Café Aliança que as presenteou com vestidos e calçado.

— Bem hajam! Bem hajam!

Ainda não está tudo perdido...

Beneficência

A sr.ª D. Leopoldina Pialgata, ao receber o prémio que coube a seu filho José Joaquim no nosso Concurso dos Prognósticos, entregou para os pobres de «A Província» a quantia de dez escudos.

Em nome dos nossos pobres, muito agradecemos.

Obras de Alvaro Valente

— «Eu», livro de sonetos, esgotado; «Daqui...fala Ribatejo», contos monográficos, 30 escudos; «Pedra de Ribatejo», folclore e costumes, 30 escudos; «A minha visita ao museu de S. Miguel de Ceide», folheto, 5 escudos; «Hino a Almada», em verso, 10 escudos; «Grades Eternas», estudos sociais, 15 escudos; «Vidas Trágicas», romance, 15 escudos; «Viagem de Maravilhas», reportagem, 20 escudos. Pedidos à Redacção de «A Província».

Sociedade Electrificadora Tejo, Lda.

Rua Almirante Cândido dos Reis, 18 -- Telefone 026084 -- MONTIJO

Não compre sem consultar os seus preços:

Grande variedade de:
LUSTRES — CANDIEIROS
FOGÕES ELÉCTRICOS
desde Esc. 95\$00

Ferros - Torradeiras - Ventoinhas
- Termo-acumuladores - Aquecedores
Eléctricos - Aspiradores - Ence-
radoras e Descansos automáticos.



OSRAM

a melhor LAMPADA

TUDO MATERIAL ELÉCTRICO
De fios a cabo armado

MOTORES ELÉCTRICOS
Grupos Moto-Bombas e Automáticos

BATERIAS E PILHAS TUDOR

Representantes de Rádio e Televisão
MARELLI -- AGA -- GELOSO

Representantes exclusivos da melhor panela de pressão: PRESTIGE

Encarrega-se de trabalhos de montagens de instalações eléctricas, água e gás

Grandes facilidades de pagamento

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— No dia 12 de Outubro, o menino Joaquim Manuel Valador Baliza, neto da nossa estimada assinante, sr.^a D. Balbina Izaura Pialgata.

— Dia 21, a sr.^a D. Felizbela Vitória Pina, nossa estimada assinante.

— Dia 25, a sr.^a D. Rosalina Correia de Carvalho.

— Dia 25, a menina Maria de Fátima Sepúlveda Prudêncio, afilhada da Sr.^a D. Maria Manuela da Veiga Fonseca.

— Dia 26, o Sr. José Estêvão da Silva Carvalho, nosso redactor desportivo.

— Dia 27, o sr. Dr. Cristiano Victor Leite da Cruz, nosso prezado assinante.

— Dia 27, a Sr.^a D. Maria Gertrudes Gouveia de Jesus Calado Laranjeira, esposa do nosso amigo e assinante Sr. Jaime Laranjeira, conceituado comerciante em Montijo.

— Dia 31, a Sr.^a D. Olímpia da Cruz Ferra, esposa do nosso assinante, sr. José Nárceo Ferra.

A cala do nosso rio

Neste mês que está correndo, já por três vezes encaham vapores na cala do nosso rio.

Como é de prever, estes factos têm trazido aos passageiros, e até às respectivas tripulações, aborrecimentos e prejuízos.

Seria interessante, e extraordinariamente útil, portanto, que a cala fosse dragada o mais depressa possível, a fim de evitar que esses encahes se repetissem.

Esperamos que o nosso apelo seja atendido, para bem dos que viajam no nosso rio, a caminho de Lisboa ou vice-versa, e, por consequência, a bem dos interesses de Montijo.

Pelo Asilo de S. José

No domingo, 20 do corrente, deu-se no nosso Asilo um acontecimento bastante desagradável.

O asilado Francisco Maria Grego, de 72 anos de idade, em virtude duma doença incurável, caiu do primeiro andar para as traseiras do edificio, tendo morte imediata.

A governante, sr.^a Maria Joaquina Baptista, ao presenciar aquele incidente, caiu sobre um banco com a comoção, ficando muito maltratada.

Seguiu nesse mesmo dia para o Hospital de S. José, onde foi imediatamente radiografada.

Como, felizmente, a radiografia não acusasse nada de grave, regressou a sua casa.

O funeral daquela asilada efectuou-se no dia seguinte, para o cemitério local.

Concurso Hora Feliz

O relógio do concurso, promovido pela Relojoaria e Ourivesaria Contramestre da Praça 1.^o de Maio, em Montijo, referente ao dia 18, parou nas

19 horas e 57 minutos

Foram premiados com as aproximações os srs. António Ramos Dias, Praça 1.^o de Maio n.º 14 — Montijo, e Custódio Palpita, R. da Aldeia Velha — n.º 42 — Montijo.

Aumentam consideravelmente todas as semanas as inscrições, e o entusiasmo não pára.

Inscribam-se já e terão ocasião de receber 250\$00 em compras, que lhes proporciona o Concurso Hora Feliz

MONTIJO

A Moita do Ribatejo e o Montijo deram o braço

e a Comissão Pró-Praça de Toiros de Montijo viu aumentadas as possibilidades de pôr de pé, num futuro muito próximo, uma das maiores aspirações da nossa terra.

Domingo passado foi dia grande, mas a estrada Montijo-Moita foi pequena para o movimento dos montijenses que, em massa compacta e decidida, se deslocaram à bela Vila da Moita, a fim de assistir à corrida na Praça Daniel do Nascimento a favor da construção nossa Praça.

A Moita do Ribatejo, mais uma vez colaborou de braços abertos, desde o povo às entidades oficiais.

De registar a manifestação amiga, espontânea e sincera com que o povo moitense recebeu as nossas duas Bandas de Música, 1.^o de Dezembro e Democrática 2 de Janeiro.

A corrida, que teve também a colaboração graciosa de todos os artistas, ganaderos e até do pessoal de serviço, assistiram os dois Presidentes das Câmaras da Moita e Montijo, srs. José de Sousa Costa e José da Silva Leite, respectivamente.

Manuel dos Santos deu lição.

Com grande enchente, a maior que temos visto ultimamente nas Praças do nosso país, deu-se início à corrida, cuja direcção ficou a cargo do sr. Justiniano Gouveia.

O primeiro novilho saiu para José Barahona Nuncio, filho do grande Mestre, que a cavalo e a pé chegou a ser brilhante. Pegou Augusto Cabeça Ramos valentemente, que deu no final volta à arena com aquele distinto cavaleiro amador.

No 2.^o, José Trincheira com o capote e a muleta esteve valente; mas a faena não teve brilho porque o inimigo não o ajudou. Volta à arena e devolução de brindes.

A Armando Soares, coube-lhe um garraio preto, «uma pera doce», que foi nobre até ao fim. Esteve artista com a capa e com a muleta e, quando foi colhido, continuou valente.

Deu também volta à arena. No 4.^o novilho para Amadeu dos Anjos, este artista esteve infeliz, porquanto foi desfeiteado e colhido várias vezes. Muitos passes e pouco toureio. Recebeu palmas.

Francisco Palha, a cavalo, foi infeliz no novilho que lhe coube, pois este era mansarão medroso; só a muito custo deixou cravar algum ferro.

Costa Ramalho, 5.^o, pega rijamente bem, auxiliado por Rhodes Sérgio a rabejar.

Estes dois forçados com Frederico Palha, deram voltas à arena.

E chega-se ao 6.^o novilho, o melhor do lote, no qual Manuel dos Santos empregou todo o seu saber, sereno, com arte e valor, e nos deu a alegria de uma das maiores faenas em praças portuguesas.

Com «temple» e num ambiente de «passe-doble», Manuel dos Santos, suavemente, arranca muletas, derechazos, naturais e afarolados.

A assistência ao rubro obriga o grande «diestro» a dar 3 voltas à arena com saídas aos médios.

No 7.^o novilho, o mais difícil, António dos Santos teve um

grande par de bandarilhas e no resto... pouco havia a fazer. Recebeu palmas.

Manuel Durão e José Simões, da Escola Patrício Cecílio, estiveram valentes, e embora várias vezes colhidos demonstraram ser duas fortes promessas.

Novilhos de António Durão e de Barata e Nechas. Direcção acertada.

A noite, na Sede do Desportivo, realizou-se um jantar dedicado a todos aqueles que têm colaborado directa ou indirectamente para que a futura Praça de Toiros de Montijo seja uma realidade.

Foram oradores, Manuel dos Santos, que simpaticamente agradeceu ao povo de Montijo toda a ajuda e incitamento que recebeu até atingir os degraus da fama, e prometeu de futuro estar à disposição da Comissão Pró-Praça de Toiros, sempre que solicitado.

Gentil Marques, Director do nosso colega «Festa», lembrou para que seja proposta ao governo uma condecoração a Manuel dos Santos pelo seu contributo honesto em prol de «Festa Brava» e dos relevantes serviços prestados à Pátria.

AGRADECIMENTO

Mavilde de Oliveira

Seu esposo António José Machado, filhos e genros, na impossibilidade de o fazerem directamente, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam a última morada sua chorada esposa, mãe e sogra.

M. P.

Aluga-se

— CASA com 9 divisões, 1.^o andar, renda 500\$00. Informa-se neste Jornal.

Vende-se

— Quatro MORADIAS no Bairro do Afonsoeiro. Informa-se nesta redacção.

Musical C. Alfredo Keil

Na passada quinta feira, 18 do corrente, pelas 22 horas, realizou-se nesta colectividade um serão cultural, da série que ali se propõem realizar.

Sob a presidência do sr. António João Serra, vice presidente do nosso município, ladeado pelos Dr. Manuel Paulino Gomes, prior Manuel Gonçalves dos Santos, e Dr. Fausto Neiva, foi aberta a sessão.

Usou da palavra o sr. Manuel Lino, presidente da Direcção do Musical, que fez a apresentação do sr. Ruy de Mendonça, conferencista da noite.

Em seguida, o conferencista fez a leitura do seu trabalho «A vila de Montijo», espraçando-se em citações históricas acerca da origem do nome e fundação da vila.

Escutado em religioso silêncio, o conferencista abordou o assunto desse seu trabalho sob todos os aspectos e hipóteses, sendo, no final, muito aplaudido pela numerosa assistência.

O sr. Manuel Lino agradeceu a colaboração prestada ao serão cultural pelo conferencista, após o que se fez a apresentação do documentário cinematográfico «Como funciona a Colónia», focando vários aspectos da Colónia Balnear Infantil «José da Silva Leite».

No final, foi premiado com uma prolongada salva de palmas o seu autor, sr. Francisco de Almeida, bem como alguns colaboradores da Colónia, ali presentes.

Brindou também pela próxima execução da Praça de Toiros de Montijo.

Falaram ainda Rhodes Sérgio, António Durão e Dr. José Pires da Costa que desejaram a rápida construção da Praça, todos oferecendo os seus préstimos. Por último, Amadeu dos Santos e Dr. Paulino Gomes para agradecerem toda a colaboração prestada.

O Dr. António José Rita, num simpático improviso, solicitou à Comissão Pró-Praça o lançamento imediato da 1.^a pedra, que segundo disse: «... talvez levantasse o interesse em massa de todo o povo de Montijo na execução com afã da sua Praça de Toiros, para que nas próximas Festas de S. Pedro, aquela já estivesse erguida e pronta a realizar as primeiras corridas.

Encerrou a série dos discursos o sr. José da Silva Leite, agradecendo a todos a óptima coadjuvação e em especial na pessoa do ilustre Presidente da Câmara da Moita, sr. José de Sousa Costa, que assistiu ao jantar o belo testemunho de amizade e amparo com que a Moita do Ribatejo respondeu à chamada.

«A Província» cumpre-lhe agradecer o amável convite que teve a honra de receber.

M. P.

Aluga-se

— CASA com 9 divisões, 1.^o andar, renda 500\$00. Informa-se neste Jornal.

Vende-se

— Quatro MORADIAS no Bairro do Afonsoeiro. Informa-se nesta redacção.

Serão de Variedades

No Salão de Festas da Banda Democrática 2 de Janeiro, realiza-se no próximo domingo, 28 do corrente, pela 21.15 horas, um Serão de Variedades, original de José Joaquim Caria e de Humberto de Sousa, com a colaboração de amadores montijenses.

Realiza-se também um sensacional concurso, apurando-se no espectáculo um valor masculino e um feminino.

A parte musical está a cargo da excelente e apreciada orquestra «Eldorado».

Neste serão ouvir-se-á pela 1.^a vez o «Fado de Palmela», original e feliz composição de Humberto de Sousa, com letra de Laureano Rocha.

Em resumo: uma noite de arte que vai, decerto, constituir mais um grandioso êxito para o notável agrupamento.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.^a - feira, 25 — *Moderna*
6.^a - feira, 26 — *D i o g o*
Sábado, 27 — *Giraldes*
Domingo, 28 — *Montepio*
2.^a - feira, 29 — *Moderna*
3.^a - feira, 30 — *D i o g o*
4.^a - feira, 31 — *Giraldes*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

5.^a - feira — às 8,30 e 9 horas.
6.^a - feira — às 9 e 9,30 horas.
Sábado — às 8,30 e 9 horas.
Domingo — às 8, e 9, no Afonsoeiro, 10 e 11,30; Atalaia 11,30 e 18 h..

Espectáculos

CINEMA 1.^o DEZEMBRO

5.^a feira, 25; (Para 13 anos) O lindo filme alemão, com música e mulheres, «Fanfarras do Amor», em complemento, Jorge Mistral e António Casal na maravilhosa comédia dramática, «3 Guardas Marinhas».

6.^a feira, 26; (Para 13 anos) O famoso filme em episódios, — de Júlio Verne —, «A Ilha Misteriosa».

Sábado, 27; (Para 18 anos) O famoso filme policial em Cinemas-cópia, com Clark Gable e Susan Hayward, «O Aventureiro de Hong Kong».

Domingo, 28 e 2.^a feira, 29; (Para 18 anos) O moderno filme português com Milú, Artur Semedo, Madalena Soto, e Eugénio Salvador, «Vidas Sem Rumos».

3.^a feira, 30; (Para 18 anos) A grande epopeia de aventuras em technicolor, «Sob o Signo do Mal», e ainda o grande drama de emoção, «A Condenada».

4.^a feira, 31; (Para 18 anos) O mais moderno e belo filme dos ídolos do público, Tony Curtis e Júlia Adams, «A Ponte do Destino», no programa a bela comédia, «Jogar, Perder e Pagar».

CINE POPULAR

5.^a feira, 25; O drama verídico e emocionante, «Jack, o Sanguinário», e «A Fronteira do Pecado» com Vitor Mature e Jane Russell, e ainda Revista Paramount.

6.^a feira, 26; Finalmente, Libertad Lamarque, «A Mulher X», o sacrifício que uma mãe pode fazer por um filho, em complemento «Uma Noite no Rio».

Sábado, 27; Uma mulher que sacrificou o seu amor por um ideal, com Yvonne de Carlo, «A Divina Condessa», em complemento «Noite que não Volta».

Domingo, 28; O filme em Cinemas-cópia, «Máscara Vermelha», em technicolor, com Tony Curtis e Colleen Miller.

2.^a feira 29; Arturo de Cordova e Marga Lopez em «Minha Esposa e a Outra», e «Vendedora de Fantasias».

3.^a feira, 30; Uma obra que empolga, «Voo 971», e «O Turco Napolitano» com Totó.

4.^a feira, 31; Libertad Lamarque em «A Louca», e «A Gôndola do Diabo».

Vinhos Novos e Aguardentes

Compra em qualquer quantidade F. Rosa & Irmão.
R. 28 de Maio, MONTIJO.

Telefones de urgência

Hospital, 026 046
Serviços Médico Sociais, 026 198
Bombeiros, 026 048
Taxis, 026 025
Ponte dos Vapores, 026 425
Polícia, 026 144

Explicações

Todas as Disciplinas do 1.^o e 2.^o ano do Curso Geral do Comércio

Dactilografia

Traduções e Retroversões:
Francês e Inglês, Técnica — Comerciais

R. Tenente Valadim, 14 — MONTIJO

AUTO - GOVERNO DOS ALUNOS

(Continuação da primeira página)

Como exemplo da aplicação, numa escola belga, do auto-governo, transcrevemos, seguidamente, uma descrição que dela nos dá um grande pedagogo do nosso País, o Dr. Faria de Vasconcelos:

Nas reuniões havidas todos os trimestres, as crianças distribuem entre si os encargos que a vida social da escola comporta. A Assembleia dos alunos é que investe os nomeados nas numerosas funções que implicam a divisão do trabalho.

Os principais encargos são os que dizem respeito ao inventário, conservação e compra de livros, de produtos, de instrumentos, de utensílios necessários ao trabalho; a correspondência ou visita aos fornecedores, a escrituração das despesas, a organização de *équipes* e do horário de trabalho, assim como a vigilância sobre a ordem e higiene dos locais seguintes: a) sala de modelação, cartonagem e desenho; b) oficina de marcenaria; c) idem de serralharia; d) laboratório de física e de química; e) idem de ciências naturais; f) salas de aula; g) sala de desenho geométrico e biblioteca, e sala de música.

Além disso, há ainda; h) responsabilidade dos jardins; direcção dos trabalhos, contabilidade da quinta; i) direcção dos jogos; j) redacção do Boletim da escola.

A Assembleia nomeia, igualmente, por um trimestre, um presidente que tem o encargo de vigiar a ordem geral dos alunos e a execução das decisões da Assembleia, representar as crianças nas reuniões do *comité*, dos pais; de coordenar, numa palavra, o esforço de todos, estabelecer laços e ligações indispensáveis entre as diferentes funções e resolver certos conflitos que podem produzir-se.

Além destes encargos trimestrais, há outros em que a rotação das crianças se impõe, a fim de que todas elas por ali passem e adquiram, sobretudo, hábitos de ordem e de limpeza, assim como espírito de iniciativa e o sentido das responsabilidades. Estes encargos, que as crianças distribuem entre si, são, a título de exemplo: a) o de médico; b) o de director dos jogos e o que diz respeito ao jornal da escola. Estes são encargos mensais.

Como exemplo de encargos semanais, citemos os que se referem à ordem e limpeza dos seguintes locais: a) sala de banho; b) idem de calçado e de vestuário e gabinetes. Há ainda: c) um árbitro dos jogos e alunos encarregados dos animais da quinta.

Desta organização se desprendem os seguintes traços principais:

a) Em primeiro lugar nós verificamos que a *Assembleia dos alunos* desempenha um papel quase soberano.

E' só em casos graves, em que a inexperiência dos alunos poderia comprometer o espírito educativo da escola, que o professor opõe o seu *veto* às suas decisões. Isto acontece muito raramente porque, com o sistema de vida existente numa comu-

Por
José dos Santos Marques

nidade escolar onde se emprega o auto-governo, vida franca, aberta, leal e familiar, pode exercer-se por intermédio dos maiores uma certa influência, um certo *controle*, uma certa direcção sobre as decisões da Assembleia. Com tacto, muito tacto, comportando-se como camaradas de mais idade, os professores podem preparar o terreno para discussões e trocas de impressões com os mais novos.

A Assembleia não tem pois, somente, uma voz consultiva, mas ela pode solucionar questões definitivamente, reservando-se ao director o direito de *veto*.

b) Em segundo lugar, os alunos que aceitaram encargos sociais trimestrais, mensais ou semanais, não podem demitir-se senão em casos inteiramente excepcionais, examinados e sancionados pela Assembleia dos alunos.

E' a consagração do princípio de que todo o esforço livremente consentido deve ir até o fim, no próprio interesse da criança e da cultura, e nela, da paciência, da perseverança e da vontade.

c) Em terceiro lugar, os encargos são distribuídos segundo as capacidades físicas e psicológicas dos alunos.

d) Em quarto lugar, as crianças gozam duma grande liberdade de acção e de iniciativa no desempenho da sua função, e assumem, por-

tanto, uma grande responsabilidade, real e efectiva.

«Além desta cooperação na vida social da escola, resultante da divisão do trabalho, a criança toma uma parte talvez mais directa ainda na organização da vida escolar, organizando festas, conferências, excursões, e discutindo assuntos ligados à vida interna da escola.

Toma parte também nessa organização da vida escolar, colaborando no horário geral do trabalho das classes e dos trabalhos manuais. Este horário é submetido a uma discussão que exige muitas vezes várias reuniões da Assembleia dos alunos, e leva frequentemente a modificações legítimas. Enfim, as crianças colaboram, pelos trabalhos manuais e por outros, na conservação dos edifícios, do material e das colecções escolares.

Ao lado desta vida social da escola, ou mesmo à sua margem, há associações criadas pelas crianças: clubes de jogos, de campismo, etc.; a secretaria, onde cada mês o aluno encarregado das compras de artigos escolares faz os seus pedidos de papel, lápis, borrachas, canetas, etc.; a sociedade arrendatária que explora realmente e por sua conta o domínio agrícola da escola. E tudo isto se faz entre os alunos, sem que a escola aí intervenha de maneira alguma».

O que principalmente impõe o sistema do auto-governo como um dos mais recomendáveis da Escola Nova, é a esplendida lição de civismo, de altruísmo e de amor que ele dá aos homens de amanhã, ensinando-lhes, seguramente, a manter a boa e franca harmonia entre os homens.

Folha ao vento...

É do domínio público que a sociedade é extremamente exigente e que só dá valor e importância às pessoas pela maneira como se apresentam vestidas. Pode o homem ter valor inegável, ser um grande cientista, ter, até, verdadeiro génio artístico ou literário: mas, se não souber vestir bem e de forma elegante, já se sabe, a sociedade lhe voltará as costas a evitar o seu convívio. Mas, em contrapartida, as portas se lhe abrirão de par em par se souber manter a elegância requerida, mesmo que seja um autêntico parvalhão, sem valor algum e despido de moralidade.

É que os da sociedade poderão estar repletos de podridão, mas não perdoam nunca o mais insignificante deslize aos que não tenham boa aparência.

Um homem, é bom trabalhador e excelente chefe de

família? Isso não basta por si só para que se lhe dê confiança e consideração para entrar ou conviver com a sociedade; pois, para que ela o possa receber sorridente e de braços abertos, se torna indispensável que saiba trajar finamente. E isso basta aos que desejam ingressar na sociedade...

Pode qualquer ser tido como boa pessoa, ter feito bem aos da tal sociedade; mas não chega, não importa nem pesa na balança do conceito da sociedade. O que interessa, sim, é ter excelente indumentária, com a qual torne agradável a sua apresentação.

A cada passo ouvimos dizer: «Fulano é distinta pessoa! Sabe vestir bem e com elegância!» Como também se murmura «Coitado! Não sei para que lhe servem os conhecimentos de ciência, ou o valor... para andar

Ensaaios de voo

Caminhavam os dois por entre as frondosas árvores, no Retiro, em Madrid. Uma bela tarde, com o Sol a despedir-se na linha do horizonte. Um crepúsculo doce, embriagador. Eles iam conversando sobre o futuro da sua vida, sobre o anseio de cada um, e o ideal que lhes impulsionava o desejo de viver. Fassaram por uma pequena «terraça», que em português se chama esplanada, e sentaram-se em volta duma minúscula mesa redonda. Outros pares, muito chegados uns aos outros, falavam baixinho, abraçavam-se, beijavam-se... E' acolhedor aquele recinto e convida ao amor. Para ele, estrangeiro naquele belo país, aqueles abraços e beijos em público, era um espectáculo jamais visto. Não que fosse uma coisa indecente, imoral; mas fazê-lo em público, faz pensar que ali se ama mais que em qualquer outro país.

Por exemplo, mesmo na sua frente estava uma «pareja» de noivos. Ela descalçou os sapatos, estendeu as pernas e colocou as pernas na cadeira em frente, para estar mais à vontade. «Su novio», enquanto falava; afagava-lhe de mansinho os braços, ou passava-lhe o braço em volta do pescoço. Ela teria quanto muito dezoito anos, não tinha qualquer pintura sobre a cara, os olhos eram dum azul muito claro, e as maçãs do rosto vermelhas, talvez pelas carícias que recebia, fazendo-lhe bater apressado o coração e sentir uma espé-

cie de força eléctrica percorrer-lhe o corpo.

O período da vida em que se acredita no amor, como uma coisa sublime e divina, é o melhor por que passam duas pessoas. Tudo é simples, tudo é claro, tudo é maravilhoso. E' tão bela essa fase da vida do homem e da mulher que nem se pensa nessa mola real da vida, nesse «vil metal», como dizia João de Deus, que é o dinheiro. Tudo são ilusões — *c'est la vie en rose*.

Entretanto, o Sol acabou por desaparecer e ficaram as coisas e as pessoas envolvidas numa espécie de bruma, movendo-se misteriosamente, dando um aspecto irreal à paisagem.

E' verdadeiramente agradável sentirmo-nos envolvidos na sombra da noite, quando à nossa volta se trocam as mais belas frases de amor e se não acredita que possa haver sobre a terra inimizades e ódios.

Os noivos que se encontravam perto, levantaram-se. Ele chamou o criado, pagou a conta, e desapareceram no mistério da noite. Uma estrela fez a sua aparição no céu cinzento. O criado de mesa, de casaco muito branco, aparecia de vez em quando, para atender um cliente e parecia um fantasma movendo-se no escuro. Tudo era feito silenciosamente, as palavras ditas baixo, em surdina, os passos abafados, como se um bebé imaginário estivesse dormindo e todos receassem acordá-lo.

M. da E.

A Siderurgia Nacional foi fixada em Alcochete

O sr. Ministro da Economia fixou em definitivo a aprovação do projecto de instalação da indústria siderúrgica em Portugal e a ordem das suas realizações.

Leixões e Alcochete são os locais indicados para a instalação da Siderurgia nos núcleos do Norte e do Sul. De harmonia com o despacho, o esquema de instalação será o seguinte:

Instalação de redução—a) Núcleo do Norte: 1.º — forno eléctrico para uma produção anual de 30.000 toneladas; 2.º — fornos

assim tão mal vestidinho»...

A sociedade é assim, tal qualmente. Quando se lhe vai bater à porta, trata logo de espreitar a ver como cada qual vai vestido, para calcular o valor dos seus cabedais. Aos outros... àqueles que apenas sejam honrados, trabalhadores, cientistas, homens de letras ou grandes génios, e que se reconheçam como educadores e excelentes chefes de família, a esses... nem as portas se abrem!

Zé dos Anzóis

Krupp-Renn, com uma capacidade de 120.000 toneladas; b) Núcleo do Sul: alto forno a coque para 150.000 a 200.000 toneladas.

Acearia e laminagem — Capacidade mínima total, 300.000 toneladas distribuídas por: 1.º — uma unidade no Sul; 2.º — uma unidade no Norte.

A primeira fase do empreendimento, a realizar imediatamente, é constituída por fornos de redução eléctrica, a instalar na zona de Leixões e por uma acearia e laminagem, localizada na região de Alcochete. A produção anual prevista para a fase inicial é de 80.000 toneladas de laminados.

Felicitemos a vila de Alcochete pelo grande melhoramento que lhe foi atribuído.

Este notável empreendimento muito há-de concorrer para o seu progresso, e só nos pertence regozijarmo-nos com o facto.

«A Província» endereça-lhe, portanto, estas felicitações e faz votos para que em breve se entre no período das realizações.

A Literatura é a base da Civilização e do Progresso.

A frase não é nossa. Nem é de hoje, ou apenas de ontem, a precedência da incontestável verdade que encerra na sua construção. Vem de há muito. Desde que o homem aprendeu a manusear a pena com que atirou para o papel os seus primeiros pensamentos, a Literatura tomou lugar primordial em todas as evoluções que caracterizam a existência humana e que têm posto o Mundo a caminhar num Progresso cada vez mais rico de fontes de ensinamento, de cultura e, portanto, de perfeição. Guia dos povos — pela História; — escríbio dos mais belos preconceitos — na moral; — grandiosa expansão do génio do homem — como Arte; — testamento indestrutível que diz da nossa continuidade sobre a Terra, a Literatura é o alicerce das tradições da humanidade inteira.

Por isso, há que defendê-la do cancro da corrupção de princípios e do veneno do puro materialismo. Sacudir, quanto possível, da sombra da mais bela expressão do pensamento humano, o mercantilismo; e tentar dar à Literatura o lugar que lhe compete, é um dever de todos os que às letras oferecem a vida e a inteligência. Sabemos que o nosso século procura no materialismo abso-

luto a consagração dos seus ideais. Sabêmo-lo. E reconhecemos que na desenfreada luta do dia a dia, o homem precisa, realmente, de firmar-se nesse materialismo para se manter em equilíbrio na trópega existência que os deuses lhe concederam. Mas a Arte, essa, nunca deve ser traficada, nem mesmo deixar que se arrimem a ela os sonhadores de lucros, calculistas balofos que outra coisa não possuem, nem sabem ter em conta, senão as cifras que se amontoam nos seus canchinhos do *deve e do haver*.

Surgem estas considerações, à margem de um dos pormenores do actual panorama da Literatura nacional. Enquanto apodrecem nas prateleiras dos nossos livreiros, as obras dos escritores — dos bons escritores — portugueses, as *montras* das livrarias enchem-se de uma literatura de tostão, importada, que nenhum benefício traz à humanidade. *Livrescos de algibeira*, como já lhes chamam, essas obras, vendidas ao desbarato, com capas e nomes espampanantes, tiram aos autores nacionais a possibilidade de um pouco

POR
Josué A. Silva

mais de pão e roubam — o termo não é forçado — expansão à Cultura, gerando mentalidades adoentadas, criando espíritos inadaptados. São cómodos. A história do polícia esperto que acaba sempre por agarrar o criminoso papalvo, mesmo repetida milhares de vezes, ainda consegue manter em emoção, durante um par de horas, os ávidos leitores — e leitoras, que muitas são — dessa fantochada escrita. No fim, porém, mal soletrada a última página, que fica dessas duas horas de leitura? Nada. Um *nada* triste e estéril como a desolada extensão de um deserto de areias. Mas é «chique», anda na moda o uso do livrinho de capa berrante no bolso ou na malinha de mão, que se abre no combóio, no Café, ou mesmo em plena rua, até com um olhar de *superioridade intelectual* para os que, *pobres de espírito*, não querem ou não sabem ler tais coisas. E discute-se com calor o conteúdo da obra —

vejam lá! — e aí do infeliz que tenha a ousadia de desdizer o autor ou o mérito literário da historieta.

Pobre literatura! Discutir um Eça, discutir um Fialho, um Aquilino, Ferreira de Castro, Namora, Hemingway ou Maughan, será, não bonito, que é frase de etiqueta, mas elevado e instrutivo. Com estes, como com outros de nomeada igual, artistas na verdadeira acepção do termo, aprende-se, cultiva-se o espírito, constrói-se uma inabalável base de conhecimentos e de princípios. E sobretudo, dá-se o valor pelo valor, traz-se para o primeiro plano a verdadeira literatura e não as farsas dos talentosos de meia-tigela. No nosso País toda a gente escreve, muitos sem saberem o que escrevem. Parece-me que foi o Eça quem disse que «em Portugal lê-se pouco e escreve-se muito». Não achamos que o mal esteja na quantidade dos que escrevem, mas na qualidade do que se escreve. E se não preconizarmos o total desaparecimento da literatura barata, da literatura para distração, seja nacional ou estrangeira, gostaríamos de

ver, porém, em primeiro lugar, nas *montras* dos nossos livreiros, as capas menos berrantes das obras dos escritores sérios. Era sublime essa medida, até porque ia arrancar, à obscuridade onde jazem, uns tantos nomes de jovens que são já, não promessas, mas autênticas realidades, a quem falta única mente, para a consagração, um lugar ao sol...

Com razão, estamos em crer que a primeira e principal manobra a realizar para modificação de tal estado de coisas, devia partir dos senhores livreiros-editores. Menos importação de Queen e de Agatha Christie, das policiais inglesas ou das toscas aventuras de Gray. Menos aceitação às obras dos crevinhadores de pena mal-sim. E, já agora, edições mais baratas, um maior carinho e amparo ao livro nacional e às obras de onde algo se possa tirar para construir a consciência clara no nosso povo. Ganharão menos com isso os senhores editores? Acreditamos. Mas acima dos mesquinhos interesses materiais há que sobrepor, na justa medida, os interesses de uma Arte que tem sido a glória da Nação e que, prezada e compreendida, lhe trará mais largos horizontes...

Este grito não é único, nem é o primeiro. Mas nunca é de mais frisar-se um problema que interessa a tantos.

Por Terras Galegas Exportação de Cortiça

A todos os meus companheiros de viagem

IV VIGO

Chegámos ao parque Marquês de Alcedo, — D. Correa y Quiñones de Leon.

O parque é grandioso, de múltiplo arvoredo, parte selvático, parte obra do homem, que seu último dono, o fidalgo D. Fernando, doou ao povo de Vigo.

Segundo a inscrição que se encontra na fachada do palácio, este foi reconstruído em 1770, depois de ter sido demolido por seu possuidor D. Benito Tavares.

Fala-se vagamente num incêndio provocado pelas tropas portuguesas, — incêndio que reduziu o solar a ruínas... Seja.

O parque, por onde começámos a nossa visita, é na verdade interessante, com estátuas, lagos, plantas exóticas, jardins odorosos, pequenas fontes, ruas de murtas e de buxos. Esperámos pela saída doutros visitantes do museu, pois parece que o respectivo guarda não gosta de acumulações lá dentro.

Entretanto, vamos observando uma colecção de aras romanas, dos tempos da dominação, para ali levadas dum rua de Vigo, com inscrições diabólicas que não consigo entender. São 27 peças diferentes, algumas

fragmentadas, com riquíssimas ornamentações simbólicas em baixos relevos as quais correspondem, segundo se julga, aos séculos III e IV da nossa era.

O nosso cicerone não está com demasias. Pontifica também acerca da colecção e supõe que fala a ignorantes e os assombra com suas baboseiras.

Entrámos, finalmente, no palácio, depois da saída dos visitantes anteriores. Pagámos as entradas (em Espanha paga-se em toda a parte e em todos os lugares de visita) e penetrámos.

A Câmara de Vigo tomou conta da doação em 1931, pôs lá os seus guardas e tratou logo de estabelecer o preço da entrada, para ajuda das despesas...

No átrio e nas escadarias sumptuosas, bustos, quadros, vitrinas com bandeiras, retábulos, etc.. O guarda vai dizendo os nomes dos artistas e autores das magníficas obras expostas, com aquela mesma cantilena já muito conhecida dos que andam por Espanha e visitam os monumentos, palácios e museus.

São onze salas, dispersas pelo andar e pelas alas. Quase todas as telas são de pintores e escultores espanhóis, na sua maioria pouco conhecidos.

Para finalizar a excursão interior, observamos a «ma-

queta» de Vigo futuro, obra do arquitecto galego António Palácios, e a outra do monumento aos heróis da reconquista. De passagem, vemos ainda as valiosas peças artísticas espalhadas pelas salas e escadarias, — figuras de bronze, estatuetas, terracotas, porcelanas, relógios, móveis laqueados, cornucópias, espelhos, etc., numa profusão estonteante.

Abundam os autores anónimos e nota-se a diversidade de escolas de pintura: flamenga, inglesa, sevilhana, holandesa, italiana.

O museu deixa-nos boa impressão pela grandiosidade e espectacular recheio, que não pelo renome dos autores expostos. Embora aqui e ali alguns quadros que se impõem, muitas trivialidades também.

Saimos e fomos até a Guia.

Aproximava-se a hora do almoço e consequente partida para o resto da viagem. Não podíamos demorar-nos na extática admiração de tamanha misturada de painéis e de objectos de arte.

O monte de Nossa Senhora da Guia, em cujo cimo se ergue o santuário moderno, é um autêntico miradouro! Dali se disfruta um panorama que deslumbra!

A cidade abre-se a nossos pés, esplendorosa e vibrante de aspectos. A ria oferece-se em toda a sua extensão e os

Razoável se manteve o nível de exportação de cortiças portuguesas, no conjunto dos seus ramos, para os mercados externos, na ordem dos mercados de destino, no primeiro semestre de 1956.

Segundo o boletim da Junta Nacional de Cortiças, as vendas de Junho registaram ainda melhoria sensível em relação aos meses anteriores, elevando-se a cerca de 12.000 toneladas, no valor de de 130 mil contos. No total do primeiro semestre de 1956, a exportação corticeira cifrou-se em 66.800 toneladas, no montante de 749 mil contos, sendo a cortiça em prancha, as rolhas, os aglo-

povos fronteiriços aproximam-se mais dos observadores. Dá vontade de ficar por ali horas e horas, na doce contemplação da natureza selvagem e das belezas que de todos os lados nos espreitam.

Temos, porém, que deixar o bucolismo e passarmos às coisas reais da vida. Almoçámos na pensão apressadamente. A digressão que fizéramos obrigava a maior corrida. Pagámos a conta... com língua de palmo, sem tempo para reclamações (a conta é sempre apresentada quando faltam cinco minutos para a partida), e corremos para o autocarro. Lá vamos ou vez a caminho, depois de termos «provado» a terra viguense sem quase a escutarmos. Vamos embora, vamos embora...

Álvaro Valente
(Continua)

merados, as aparas espaldadas, as aparas grossas, e o refugo, os elementos constitutivos, na ordem decrescente, dessa exportação.

Influíram, durante o primeiro semestre do ano, em todo o comércio corticeiro, certos factores adversos, e alguns países consumidores adiaram as suas compras, pelo que, em relação aos primeiros seis meses do ano findo, os quantitativos denotam uma baixa de cerca de 29% e se verifica uma diminuição do valor global em 22%. Mas por medidas adoptadas, em que se eliminam certas causas, prevê-se que nos próximos meses os embarques aumentem de ritmo e que, no final do ano, se tenha atingido quantitativo semelhante ao de 1955.

Segundo afirmações de bastante confiança, parece que na Tunísia o volume de produção será sensivelmente igual ao do ano passado, e em Marrocos não se conseguirá extrair mais de 70%. Na Argélia, crê-se haver possibilidades de obter à roda dos 50 a 60%, com a agravante de parte destes quantitativos poder ser destruída por incêndios lançados pelos terroristas. A dar-se a confirmação, não é arriscado prognosticar-se que, entre nós, aumentarão em muito os nossos negócios de cortiça e que as cotações se elevarão a níveis razoáveis.

Não sendo, pois, nota de desequilíbrio, os quase 750 mil contos relativos à exportação de cortiça, no primeiro semestre de 1956, e pelas perspectivas que se antevêm, é razoável concluir-se que não só o nível da exportação corticeira se mantém em equilíbrio, como no nosso país, tradicionalmente ocupando um lugar de destaque na escala deste género de comércio, aí se manterá com segurança. — (C.)

DESPORTOS

Futebol

Campeonato Nacional da 2.^a Divisão

Arroios, 1 - Montijo, 2

Equipas: — **Arroios**. — Nunes; Mendes e Almeida, Ferreira, Isaac, Simpliciano; Daniel, Alves, João Silva e Amadeu.

Desportivo de Montijo: — Redol; Anica e Caixeirinha; Neto, Barragon, Santana; Barriga, Veredas, João Mário, Mora, Ernesto. Campo da Picheleira.

— **Árbitro**: — Manuel Vaz Valente, de Beja.

Diga-se já de entrada que o Desportivo não jogou como nos encontros anteriores. Venceu, mas a sua actuação foi inferior àquelas a que nos acostumou nos passados jogos. Houve a habitual falta de remate e no conjunto diminuiu-se, deu-nos a impressão de que se tratava doutro *team*.

O jogo começou com o Arroios imperando, em duas avançadas perigosas mas de remates falhados. O Desportivo reagiu e Barriga teve uma avançada tão perigosa que provocou desconcerto nos adversários.

Aos 33 minutos, sem que tal se esperasse, houve nova e grande avançada do Desportivo ao campo do Arroios e em seguida a uma boa «cabeça» de Mora, João Mário marcou o primeiro golo do encontro.

O Arroios também reagiu e procurou o empate com todo o entusiasmo. Não o conseguiu, porém, e ao intervalo o marcador estava em 1-0, a favor do Desportivo.

Na segunda parte o Arroios começa logo com jogo forte e de certo modo duro, na busca de golos que lhe desse o empate ou a vitória; mas havia igualmente a falta de remate, certo nervosismo que conduziu à desorientação. No entanto, aos 15 minutos de jogo o empate surgia, por intermédio de Amadeu.

Aos 38 minutos, quase no final, portanto, o Desportivo marcou mais um golo, por intermédio de Neto, e assim se conservou o marcador até o fim. O Desportivo vencera por 2-1, mas não convencerá. A tarde não fora feliz, embora o resultado fosse favorável e satisfizesse aqueles que apenas procuram o número de golos para garantir a classificação.

A arbitragem foi rigorosa, procurando corrigir excessos e dema-

sias. Foi, talvez, rigorosa em excesso, indo a minudências que pouco ou nada influíam. No entanto, antes assim que ao contrário.

A classificação ficou, portanto, como estava, com igualdade de pontos para o Desportivo e Farense. E enfim: Avante... a ver se fazemos mais... e melhor.

João di cá

Campeonato Distrital de Juniores

Montijo, 1 - Cuf, 2

No próximo domingo:

Paio Pires - Montijo

Este número de «A Província» foi visado pela
CENSURA

Basquetebol

Barreirense, 125 -- Montijo, 31

Sob a arbitragem do sr. Hermínio Castro disputou-se no passado sábado, dia 20, o encontro acima a contar para o Campeonato Regional de Setúbal.

As equipas alinharam:

Barreirense: (56 cestas e 13 lances livres transformados em 30 tentados) Vicente (10), Soeiro (6), Macedo (41), Ferreira (14), Nunes (4) Valente (33), Climaco (7), Narciso e A. Macedo (10).

Montijo: (15 cestas e o lance livre transformado em 6 tentados) Luciano, Heitor (4), Teodemiro (6), Elesiário (10), Adriano, Pinto (11) e Adelino.

Ao intervalo 60-15.

Tem pouca história o encontro disputado no ginásio do Barreirense, entre este clube e o Montijo.

Tentar relatar ou apreciar actuações e sistemas de actuar, seria quanto a nós, tarefa sem cabimento e poderia até adulterar factos. Mais do que quaisquer outros comentários fala a eloquência dos números.

Superioridade esmagadora de uma equipa e ingénua resistência de outra foram características que se mantiveram durante todo o jogo.

Competências dentro do Basquetebol e diversas pessoas amigas

do Barreiro nos têm dito ter o Barreirense a melhor equipa de sempre e estar num máximo de forma como jamais esteve.

Segundo nos foi dado observar, concordamos plenamente com aqueles juízos. A «máquina» barreirense, ajustada como estão as devidas peças, dá todo o rendimento que seria de desejar, e isso num ritmo impressionante e numa actividade desgastadora.

Esperemos pelos «Nacionais» para nessa altura uns pseudo-entendedores montijenses, que vendo simplesmente a «miséria» — Montijo, não reconhecem a «grandeza» — Barreirense, se certificarem devidamente do valor actual desta equipa.

Regra geral em todos os jogos de elevada pontuação a exibição do árbitro não costuma interferir no resultado. Tal não sucedeu desta vez. O Sr. Hermínio Castro mostrou conhecer de tudo menos de basquetebol. Lamentamos porque reconhecemos ainda na sua pessoa um mínimo de qualidades que seriam aproveitáveis.

O sr. Hermínio há-de-nos dizer quem assinou o «livrete» de passagem livre pelos «três segundos» para todos os jogadores do Barreirense. Gostariamos de saber e cá estamos prontos para a sua esclarecedora resposta.

No jogo de reservas que terminou com o resultado de 64-17, repetiu-se o já passado nas 1.^{as}.

Superioridade flagrante do Barreirense.

Fotofilme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos Fotográficos

Reportagem Fotográfica
Rua Bulhão Pato, 11 - MONTIJO

Sociedade Recreativa Progresso Alentejense

Terminaram no passado Domingo as comemorações anuais da simpática colectividade.

A noite, realizou-se mais um baile com o concurso duma orquestra afamada, o qual, como de costume, decorreu com o maior entusiasmo.

E que o aniversário se repita por muitos e dilatados anos,

Concurso de Prognósticos de Futebol

Cupão N.º 5

Ninguém acertou em todos os resultados por isso também ninguém ganhou os 1.500\$00 prometidos para este cupão.

Prémios para o cupão n.º 7

Aos que acertem em todos os resultados

1.500\$00

em compras em estabelecimento à escolha do contemplado

Ao que acerte em maior número de resultados

Lanternas eléctricas de algibeira (sem lâmpada e sem pilha), mais uma oferta da **SETEL**, a maior casa em artigos eléctricos no Montijo.

Obs.: Chamamos a atenção dos concorrentes que não tem sido atribuído prémio, aos que acertem em maior número de resultados, em virtude de se ter aumentado o prémio principal de 1.000\$00 para 1.500\$00.

Contudo e para não haver descontentamentos, de futuro mantemos à mesma o prémio dos 1.500\$00 e mais os secundários que oportunamente iremos anunciando.

CORTE POR AQUI

CUPÃO N.º 7

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

1. ^a Divisão		2. ^a Divisão (Zona Sul)	
Barreirense	Lusitano	Almada	Portimone.
Torreense	Setúbal	Beja	Montemor
Académica	Oriental	Juventude	Coruchense
Benfica	Atlético	Farense	Portalegre
Sporting	Belenenses	Arroios	Olhanense
Covilhã	Caldas	Olivais	Estoril
Porto	Cuf	«Os Leões»	Montijo

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 7

Enviar este cupão até às 12 horas de 5.^a feira 1

EDITAL

Conferência de medidas

A Câmara Municipal do Concelho de Montijo

Faz saber que as firmas e indivíduos que utilizem medidas e instrumentos de medir, para comércio, devem apresentá-los a conferir na oficina municipal nos meses de **Novembro e Dezembro às quintas-feiras e sábados**.

Os interessados que pretendam as conferências no próprio estabelecimento, podem solicitá-las para realização nos **restantes dias úteis**, mediante o pagamento do **dobro das taxas**.

Aos transgressores serão aplicadas as multas cominadas na lei.

Com as medidas devem ser apresentados os recibos de Contribuição Industrial paga no corrente ano.

Para que ninguém possa alegar ignorância, se publica o presente e idênticos, que vão ser afixados nos lugares mais públicos do Concelho.

Daos do Concelho, 22 de Outubro de 1956.

O Presidente,

José da Silva Leite

O 2.º Lisboa-Porto-Lisboa

NOS dias 13 e 14 disputou-se o 2.º Rali Lisboa-Porto-Lisboa, organizado pelo S. L. B., que este ano teve a variante de incluir três provas de pericia, que foram disputadas no Porto, na Figueira da Foz e em Lisboa, na Praça do Império. A maior parte do rali decorreu de baixo de chuva e teve as habituais dificuldades, todavia, dos 38 concorrentes que partiram, apenas 5 foram eliminados: dois desclassificados, Abrantes Correia vítima de acidente e dois que desistiram.

O primeiro concorrente a cortar a meta em Belem foi o n.º 2, e o segundo o n.º 4, Fernando Espírito Santo.

A partida, que teve lugar no Bairro de Alvalade, ouvimos vários concorrentes, em breves entrevistas.

Começámos por ouvir José Fontinha, nosso prezado amigo — que desenhou o cabeçalho de MOTO Jornal.

— Agrada-lhe o itinerário?

— Acho mal iniciar-se o Rali pela estrada de Torres, que é bastante sinuosa e se torna particularmente difícil e perigosa com o tempo de chuva que vamos enfrentar.

— Quanto à prova, tem algum reparo a fazer?

— As provas de pericia são demasiadas.

Desejamos-lhe boa viagem e abordamos outro concorrente, o colaborador de «A Província», António Carlos Rodrigues.

— Algumas palavras para MOTO Jornal?

— Cá vou. Não tenho grandes pretensões, a máquina nem sequer foi revista. Farei, porém, tudo quanto puder.

Boa viagem e melhor classificação, foram os nossos votos.

Rui de Noronha era a «bomba» do Rali. Trocara a Vespa pela Bella Zundapp, o que trás foros de sensação.

— Qual o motivo da troca? — começámos.

— Uma situação mais favorável na Zundapp. Temos que olhar aos nossos interesses... De resto, como sabe, a Bella é uma boa máquina.

— Parece-lhe que a prova está bem delineada?

— É ótima, mais difícil do que a do ano passado, mas com maior interesse por isso mesmo.

— Quais os concorrentes que considera mais perigosos?

— Na minha categoria: Câmara Pereira e Luis Neves.

— Boa prova e que seja o vencedor! Alfredo Baptista Rodrigues, preferiu, desta vez, a categoria de 125.

— Parece-lhe que a prova vai ser fácil?

— Muito difícil, mas assim é que é bom porque haverá mais «estoiros».

— Tem algum reparo a fazer ao regulamento?

— Os que são elaborados pelo Benfica são sempre perfeitos e este está muito bom.

— Quais são os seus favoritos?

— Espírito Santo, Arsénio Machado e Rui de Noronha.

Despedimo-nos de Baptista Rodrigues augurando-lhe um bom triunfo.

Tanto à partida como à chegada num

eroso público que assistiu interessado ao desenrolar dos preparativos e da prova de pericia, a qual decorreu com entusiasmo e com algumas brilhantes actuações.

A classificação dos trinta e três concorrentes ficou assim estabelecida:

Scooters A: — 1.º Vasco da Câmara Pereira, 2.º Filipe Campos, 3.º Evaristo dos Santos Pereira, 4.º Manuel Campos Crespo, 5.º Luis Filipe Neves, 6.º Rui de Noronha, 7.º Eduardo de Oliveira e Silva, e 8.º Fernando Pinto de Abreu.

Scooters B: — 1.º Arsénio Cunha Vieira Machado, 2.º Fernando Espírito Santo, 3.º Fernando José Simões, 4.º

Viriato da Cruz Santos, 5.º Rui Montargil, 6.º Vasco Perdigão Garcia, 7.º José Nunes Rosa, 8.º Franco Olivieri, e 9.º José Olindo da Silva Fontinha.

Scooters C: — 1.º Nicolau António Godinho, 2.º Alfredo Baptista Rodrigues, 3.º José Gordilho Cardoso.

Motos A: — 1.º Joaquim Jorge Pereira de Sousa, 2.º Adelino de Oliveira Teque, 3.º João Hugo Xavier Cardoso, 4.º Fernando Rainho Gaia, 5.º Albano Castela Jaques, 6.º Francisco Craveiro Oliveira, e 7.º Valentim Lopes Neto.

Motos B: — 1.º Fernando Manuel Bento Nogueira, 2.º António da Costa Monteiro, e 3.º Domingos Malhou.

Motos C: — 1.º José Nunes Correia, 2.º Victor Hugo Delgado, e 3.º Alvaro Mendes Ferreira.

NA FAMOSA PISTA DE MONZA

O Grande Prémio das Nações

ao microscópio da tecnica

— por Enrico Benzing —

ESTA edição do Grande Prémio das Nações será recordada por muito tempo pelos progressos conseguidos pelas máquinas de cada cilindrada, expressas, com toda a clareza, nas extraordinárias médias estabelecidas. Progresso que, para as classes de 125, 250 e 500 c. c. são comparáveis, não há um ano, mas há disputa do Campeonato italiano da passada primavera, no qual as máquinas das cilindradas atrás referidas conseguiram médias mais que notáveis.

Mas observemos tudo isto mais de perto, com uma breve análise das causas e das conclusões técnicas de cada uma das cinco provas.

Na classe de 500 c. c. os aumentos notáveis das médias são devidos à Gilera de quatro cilindros de Duke (182,9 km/h., no total) e Duke e Liberati (187,5 km/h. na volta mais rápida). Os «4 cilindros» da Casa di Arcore correram nas perfeitas condições de eficiência dos anos anteriores (4 máquinas nos primeiros lugares, das 5 à partida), tendo conseguido progressos enormes, especialmente no campo de velocidade pura.

A prova das «4 cilindros» Gilera, dominantes do princípio ao fim, não foi contestada e quase estiveram a faltar os competidores, dos quais tanto se esperava na véspera. As «4 cilindros» MV-Agusta não conseguiram figurar nos primeiros lugares; os irmãos Agusta devem, por isso, ter lamentado a ausência de Surtees e a saída de Masetti ao fim das primeiras voltas.

Ainda que a Moto Guzzi, com a sua velocíssima oito cilindros promettesse uma prova emocionante e uma dura luta com as «4 cilindros» Gilera, foi forçada a abandonar a prova por lhe ter

faltado Lomas, que caiu na prova das 350 c. c. e perdeu quase uma volta à partida e por Campbell, que conduzia a segunda, ter sido eliminado também devido a queda. Todavia podem tirar-se conclusões sobre as possibilidades da Guzzi 8 cilindros, analisando as voltas efectuadas por Campbell.

Mostrou ainda as suas possibilidades a bicilíndrica B.M.W.; basta dizer que, a metade da prova, o seu condutor, Zeller, estava em quarto lugar; depois,



Emocionante passagem do Campeonato das Nações. Kassner (40-N. S. U.), Montanari (8-Guzzi), Heck (32-N. S. U.), Sandford (34-Mondial) e Taveri (4-MV-Agusta), em plena acção. Repare-se na localização do público, bastante numeroso, e confronte-se o que se faz lá fora com o que vimos em Monsanto.

uma avaria na admissão do cilindro esquerdo atrasou o campeão tedesco.

Bem mais característica e completa foi a prova das máquinas de 350 c. c., onde o equilíbrio dos valores em campo foi superado inteiramente por uma surpreendente e indiscutível superioridade da Gilera de 4 cilindros, vencedora do final.

Nada conseguiram as outras máquinas em luta, as Guzzi monocilíndricas, vencedoras na véspera na categoria, as 4 cilin-

dros M.V.-Agusta e as 3 cilindros D. K. W., contra as velocíssimas máquinas Gilera. Nem, quer a Guzzi, quer a MV-Agusta e a D. K. W., deram uma ideia exacta das suas possibilidades, de modo a tirar conclusões definitivas.

A proeza das 4 cilindros Gilera abre novas possibilidades e realça o nível técnico da classe 350 c. c.; a confirmá-lo bastam as médias conseguidas por Liberati, principalmente a da volta mais rápida, quase igual à média que o mesmo campeão conseguiu alcançar na passada primavera com a Gilera de 4 cilindros de 500 c. c.

Sobre a fantástica velocidade desta nova 4 cilindros, com motor semelhante aos de maior cilindrada, não restam dúvidas; a monocilíndrica Guzzi no auge das suas possibilidades, conseguiu uma prova mais veloz do que as MV-Agusta de 4 cilindros e as D. K. W. de 3 cilindros, confirmando a classificação nas provas precedentes.

Na classe de 250 c. c. assistiu-se a um interessantíssimo duelo entre Lorenzetti, sobre a «sua» Guzzi modificada e a mais veloz da monocilíndrica MV-Agusta, conduzida por Ubbiali, que

esteve sempre a poucos metros do adversário no «rush» final. As causas? Primeiramente assinalamos o facto de Venturi seguir a pouca distância de Lorenzetti e Ubbiali. Isto explica a conveniência de Lorenzetti em se lhe adiantar, para lutar com um só adversário. Ubbiali, aproveitando-se da ligeira superioridade da sua máquina em velocidade pura, sobre a Guzzi de Lorenzetti, reservou-se inteiramente para a tirada final.

(Continua na página 3)

ACROBACIA

— Uma modalidade esquecida

LEITOS os
nossa car-
posições
da re-
deração

POR

Alberto Simões

acrobacia era o
clima da festa.

Se a acrobacia
em moto é, por
sua natureza, um
espectáculo emo-

Portuguesa de Motociclismo e criado, em 1954, o Moto Clube de Lisboa, o motociclismo desportivo libertou-se, em parte, duma asfixia que durou exactamente 3 anos e 10 meses.

Voltámos a ter provas de velocidade. Foi até possível a alguns clubes da provincia realizarem, de novo, pequenos festivais de motociclismo; multiplicaram-se os «rallies» e as chamadas provas de pericia.

Uma modalidade existe, no entanto, onde não se tem verificado um desenvolvimento paralelo. Refiro-me à acrobacia em motociclismo, grande atractivo espectacular que põe à prova os nervos da assistência, sabido como é o interesse das multidões pelos espectáculos de emoções fortes.

Reflexos rápidos, domínio seguro e absoluto da moto, confiança em si próprio, equilíbrio, destreza, arrojado e coragem, eis o que precisa ter o motociclista ao desenhar as suas figuras acrobáticas; e o público, sentindo que isto é a coisa mais bonita, não lhe regateia aplausos.

Em tempos não muito distantes, existiram em Lisboa três secções de motociclismo que dispunham de valorosos elementos para a prática da acrobacia em moto — Benfica, Sporting e Belenenses — os quais, nas suas deslocações, marcavam sempre um lugar de destaque.

Recordo as provas de acrobacia organizadas pelo Ginásio Clube de Alcabala, onde apareciam rapazes de valor, destemidos, que conquistavam o público com as suas perigosas exhibições. Saudosamente me recordo ainda dos festivais de motociclismo nas Salésias em que a acrobacia ocupava o primeiro lugar, e dos do Grupo Desportivo de Sesimbra. Aqui, a

livo, acarinhado pelo público, tudo aconselha a sua difusão, não só para estímulo dos novos como para a propaganda e desenvolvimento da modalidade. Por isso está indicada a inclusão de provas — ou, pelo menos, demonstrações de acrobacia — a quando da realização de gincanas e de provas de pericia.

Tenho verificado que pela provincia se encontram rapazes habilitados com vontade, mas sem possibilidades de se exibirem nas suas terras. Porquê? Porque não se tem seguido o bom exemplo que nos é dado pelos dirigentes do automobilismo e do ciclismo: para os pequenos festivais realizados em recintos reservados, e sem intuito lucrativos, nada de filiações obrigatórias nem de pagamento de taxas; nada de complicações desnecessárias. Até mesmo porque, salvo melhor opinião, não se me afigura de fensíveis exigências se tentarmos no que dispõe o decreto n.º 32.496, no seu artigo 48.º: «provas particu-

lidade de acrobacia em moto é, por sua natureza, um espectáculo emocionante, que põe à prova os nervos da assistência, sabido como é o interesse das multidões pelos espectáculos de emoções fortes.



Alberto Simões, executa um dos seus difíceis números de acrobacia. A moto que utiliza é uma pesada Harley.

res são as organizadas por clubes, integrados ou não na hierarquia desportiva.

Chegado a esta altura parece-me não ser descabido transcrever, nas columnas amigas e acolhedoras de MOTO Jornal, o período duma carta que em 1955 dirigi à Federação de Motociclismo, e cuja cópia entreguei na Direcção Geral dos Desportos:

«O motociclismo desportivo não pode estar confinado apenas a Lisboa. É preciso que desapareça o colete de forças que foi imposto àquelas pequenas organizações da provincia, que eram tão simpáticas, onde se abriam de par em par as portas dos campos despor-

(Conclui na página 3)

1.º Circuito Motociclista de Lisboa

TREINOS

Prova — «SHELL PORTUGUESA» — CLASSE G — Scooters de 151 a 200 CC.

N.º	NOMES	MARCA	Volta mais rápida	Média	Lugar ao alinhar
5	Vasco M. Figueiredo	Venus	2m., 12,08 s.	84,097	8.º
19	Vasco da Câmara Pereira	Bella-Zundapp	2m., 01,62 s.		3.º
20	António Carter Ferra	Bella-Zundapp	2m., 01,48 s.		2.º
21	Albano Castela Jacques	Bella-Zundapp	2m., 05,17 s.		4.º
37	Jorge Carvalheira Ramos	T. W. N.	2m., 21,67 s.		10.º
38	José Bernardino Lampreia	T. W. N.	2m., 07,52 s.		7.º
62	Angelo Nunes Dinis	Heinkel	1m., 57,72 s.		1.º
63	José Luis Salgado	Heinkel	2m., 06,82 s.		6.º
64	Jaime Conceição Pereira	Heinkel	2m., 24,26 s.		13.º
85	Carlos L. Resende Velez	Diana-Durkop	2m., 17,66 s.		9.º
86	Fernando Ferreira Abreu	Diana-Durkop	2m., 28,22 s.		14.º
87	Luis Filipe Neves	Diana-Durkop	2m., 22,50 s.		11.º
88	Carlos R. Espada	Diana-Durkop	2m., 53,47 s.		15.º
89	Rui Encarnação Delgado	Diana-Durkop	2m., 23,58 s.		12.º
103	Fernando Nunes Zuzarte	Heinkel	2m., 06,43 s.		5.º

Prova — «Obra Social Fragata D. Fernando» — Classe H — Velomotores «Sport 50 cc.»

N.º	NOME	MARCA	Volta mais rápida	Média	Lugar ao alinhar
18	Manuel J. Matos Pinto	Kreidler	2m., 35,91 s.	66,022	3.º
73	Raul Coelho	Zundapp	3m., 00,53 s.		6.º
90	Carlos A. Barreiros	Parilla	3m., 03,77 s.		8.º
92	Fernando Moreira Carvalho	Ardito	3m., 42,31 s.		11.º
93	Carlos Matos Conceição	Parilla	3m., 01,89 s.		7.º
94	José M. Matos Conceição	H. M. W.	2m., 51,16 s.		4.º
95	Baltazar A. Coelho	Pachancho	2m., 58,25 s.		5.º
96	Fernando N. Alcobia	Pachancho	4m., 03,38 s.		12.º
97	João Jesus Serra	Pachancho	3m., 09,08 s.		9.º
98	José Machado Gomes	Pachancho	12m., 13,12 s.		13.º
100	Fernando A. Salvador Pinto	Kreidler	3m., 38,37 s.		10.º
104	Fernando Coelho da Silva	H. M. W.	2m., 35,49 s.		2.º
105	Eduardo Silva	Cucciolo	2m., 29,95 s.		1.º

Prova — «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» — CLASSE E — Velomotores «Competição 50 CC.»

N.º	Nome	Marca	Volta mais rápida	Média	Lugar ao alinhar
8	Alvaro Mendes Ferreira	Cucciolo	2m., 14,18 s.	76,230	2.º
9	Júlio Ferreira	Cucciolo	2m., 49,90 s.		13.º
10	Alvaro Amorim Vieira	Cucciolo	2m., 32,45 s.		10.º
11	Armando Inácio Brito	Cucciolo	2m., 26,59 s.		7.º
12	Jaime Leandro Fernandes	Cucciolo	2m., 23,36 s.		6.º
17	António Texeira Oliveira	Kreidler	2m., 38,06 s.		12.º
41	Fernando Pinheiro Silva	Pachancho	2m., 32,48 s.		11.º
42	José A. Maia Castro	Pachancho	2m., 14,72 s.		3.º
43	Joaquim L. Ferreira	Pachancho	2m., 16,44 s.		5.º
44	José Martins Ferreira	Pachancho	2m., 09,87 s.		1.º
45	José da Silva Ferreira	Pachancho	2m., 15,16 s.		4.º
46	Manuel Costa Santos	Pachancho	4m., 04,44 s.		14.º
74	Albertino Dias	Zundapp	2m., 31,54 s.		8.º
75	Diogo de Sousa	Zundapp	2m., 32,04 s.		9.º

Rectificação: — Por lapso indicámos no número anterior o nome de João Piçarra de Brito para o corredor n.º 107, quando se trata de outro concorrente.

Classificações

Prova — Shell Portuguesa — Classe G: — Scooters de 151 a 200 c. c.

1.º — 68, Angelo Nunes Diniz. em Heinkel — Tempo: 24 minutos, 20,50; 2.º — 19, Vasco Câmara Pereira, em Bella Zundapp — 24,35,40; 3.º — 21, Albano Castela Jaques — Bella Zundapp — 24,54,47; 4.º — 37, Jorge Carvalheira Ramos — T. W. N. — 25,54,98; 5.º — 63, José Luis Salgado — Heinkel — 24,55,81; 6.º — 103, Fernando Nunes Zuzarte — Heinkel — 25,43,07, todos com 12 voltas.

7.º — 85, Carlos Resende Velez — Dianna 24,36,47; 8.º — 38, Domingos Malhou — T. W. N. — 25,04,89; 9.º — 87, Luis Filipe Neves — Dianna — 25,04,89; 10.º — 86, Bernardo Ferreira Abreu — Dianna — 25,55,40; 11.º — 64, Jaime Conceição Pereira — Heinkel — 26,12,59; 12.º — 89, Rui Encarnação Delgado — Dianna — 26,12,96, todos com 11 voltas.

Prova — Grêmios Auto, Motos e Ind. Anexas — Classe F — Scooters até 150 c. c.

1.º — 16, Rui de Noronha — Vespa G. S. — 25,19,28; 2.º — 2, Arsénio Vieira Machado — Lambretta — 26,06,68; 3.º — 22, António Agostinho da Silva — Vespa G. S. — 26,28,71, todos com 12 voltas; 4.º — 34, Vasco Perdigão Garcia — Parilla — 25,40,92, com 11 voltas; 5.º — 4, José Maria Lino — Moby — 26,05,43, com 10 voltas.

Prova — Direcção Geral de Desportos — Classe C — Motos Sport 350 c. c.

1.º — 81, Domingos Catula — B.S.A. 26,31,20; 2.º — 77, Carlos Pinto — B. S. A. — 27,27,96; 3.º — 25, Carlos Miranda Ferreira — B. S. A. — 27,32,42, todos com 15 voltas; 4.º — 40, Jorge Carvalheira Ramos — T. W. N. — 27,04,44, com 14 voltas.

Prova — Automóvel Clube de Portugal — Classe D — Motos Sport 250 c. c.

1.º — 3, José Nunes Correia — Gillera — 27,40,18; 2.º — 14, Manuel Gomes Terenas — Gillera — 27,56,63; 3.º — 24, Luis Fernandes — Puch — 27,58,35, todos com 15 voltas; 4.º — 36, Alvaro Ferreira — Parilla — 28,36,27; 5.º — 69, Victor Névoa — Victória — 29,06,29; 6.º — 15, José António da Cruz — Gillera — 29,07,28; todos com 14 voltas; 7.º — 30, Fernando Espirito Santo — AerMachi — 29,43,22, com 12 voltas.

Prova — Jornal «Diário de Notícias» — Classe E — Velomotores de competição.

1.º — 44, José Martins Ferreira — Pachancho — 26,13,89; 2.º — 45, José da Silva Ferreira — Pachancho — 26,47,04; 3.º — 12, Jaime Leandro Fernandes — Cucciolo — 26,58,93; 4.º — 41, Fernando Pinheiro da Silva — Pachancho — 27,01,51; 5.º — 42, José A. Maia Castro — Pachancho — 27,22,32; 6.º — 75, Leonel de Sousa — Cucciolo — 28,04,88; 7.º — 9, Júlio Ferreira — Cucciolo — 28,18,01, todos com 12 voltas; 8.º — 10, Alvaro Amorim Vieira — Cucciolo 26,54, 86; 9.º — 17, António Teixeira

(Continua na página 7)

CLASSIFICAÇÕES

(Continuação da página 7)

Prova — Moto Clube de Lisboa — Classe I — Scooters com Side-Cars.

1.º — 53, Angelo Nunes Diniz, 28,11,60; 2.º — 54, Amílcar Alves, 28,36,30; 3.º — 59, José Luís Salgado, 28,56,85; 4.º — 57, António Rodrigues, 29,35,00; 5.º — 58, Diniz Salgado, 29,58,78, todos com 12 voltas; 6.º — 60, António Fernandes, 28,30,24; 7.º — 55, Vasco G. Franco, 29,05,83; 8.º — 56, Vasco Fonseca, 30,12,78, todos com 11 voltas, e em Heinkel.

Os tripulantes dos «side-cars» do 1.º, 2.º e 3.º classificados, foram respectivamente, Manuel Pinto de Sá, Alvaro Bugalho e Jorge Brazão.

Nesta prova, todos os concorrentes e máquinas inscritas, completaram o percurso e foram classificadas, nos termos regulamentares.

A volta mais rápida desta prova, foi obtida pelo concorrente n.º 53 com o tempo de 2,18,36.

As médias horárias, mais elevadas, em cada uma destas provas, foram as seguintes: — Classe E — Velomotores — Concorrente n.º 44, média 76,74 K/H. Classe II — Velomotores Sport — Concorrente n.º 105, média 68,44 K/H. Classe I — Scooters com side — Concorrente n.º 53, média 71,55 K/H.

Prova — Ministério da Educação Nacional — Máquinas de Competição — Classe A.

1.º — 49, António Pinto — Norton — 41,18,38 (a); 2.º — 61, José Luís Salgado — Norton — 42,48,40 (a); 3.º — 72, Albano Castela Jaques — A. J. S. — 43,09,43 (a); 4.º — 77, Domingos Catula — B. S. A. — 42,05,14 (b); 5.º — 29, Carlos Pinto — B. S. A. — 41,67,64 (c); 6.º — 106, A. Gomes Pereira — B. S. A. — 41,28,90 (d).

Não completaram o percurso, ou não se classificaram, outros 4 inscritos.

Média obtida pelo vencedor — 102,36 K/H — Volta mais rápida, 1,36 m.

Prova — Câmara Municipal de Lisboa — Máquinas de Sport — 500 CC — Classe L.

1.º — 66, José Luís Salgado — Norton — Tempo, 42,43,47 (a) — Volta mais rápida, 1,37,25; 2.º — 70, Joaquim Pereira de Sousa — Norton — 42,55,07 (a) — 1,38,47; 3.º — 33, Francisco Craveiro Oliveira — Norton — 43,34,90 (a) — 1,41,77; 4.º — 101, Adelino Gadanho — Triumph — 44,12,65 (a) — 1,44,17; 5.º — 48, Afonso Espalha — Triumph — 42,48,53 (b) — 1,45,19; 6.º — 47, Adelino Teque — Norton — 43,13,18 (b) — 1,46,35; 7.º — 102, Valentim Lopes Neto — Triumph — 43,24,93 (b) — 1,45,93; 8.º — 28, Angelo Marques Ferraz — B. S. A. — 42,47,12 (c) — 1,40,40.

Não completaram o percurso, 3 concorrentes que não se classificaram e desistiram quatro inscritos.

Não alinharam à partida, três inscritos que efectuaram treinos.

a) — Totalizaram 25 voltas; b) — Fizeram 24 voltas; c) — Fizeram 23; e d) — Fizeram 22.

Média obtida pelo vencedor — 101,79 K/H.

O Grande Prémio das Nações ao microscópio da técnica

(Continuação das páginas centrais)

Nesta ocasião, a «especialíssima» Guzzi de Lorenzetti aparece mais veloz do que nunca, tanto que só foi vencido, por pouco, por uma máquina preparada e de patente como é a bi-eixo dos irmãos Agusta.

Da corrida das motos ligeiras de 125 c. c., esperava-se um confronto eloquente, isto é, donde se poderia tirar imediatamente uma apreciação dos valores técnicos em jogo e conclusão do despique que estas máquinas mantêm há um ano, vencendo alternadamente. A corrida não iludiu a expectativa. O combate entre a bi-cilíndrica Gilera e as monocilíndricas MV-Agusta e a Mondial, apagou as restantes.

Das três máquinas, a mais veloz, é visivelmente a bicilíndrica Gilera, ainda que desenvolvendo lentamente; pelo contrário, as duas rivais, a monocilíndrica MV-Agusta e a Mondial, mostraram-se sensivelmente mais fortes em aceleração. Evidentemente os técnicos da Gilera devem ter dado tudo para obter maior velocidade, em prejuízo da «reprise». Por isso se viu, na fase média da corrida, a Gilera de Ferri tomar o comando, adiantar-se ao fim das rectas, mas ser alcançada pela MV-Agusta de Ubbiali e pela Mondial de Provini (as quais tiveram que se lançar numa perseguição para alcançar os corredores da frente) nos locais de maior aceleração, à saída das curvas de Lesmo e de Vedano.

Os resultados da pugna eram ainda incertos, tanto que se Ferri não tivesse conseguido uma boa vantagem, na tirada final, poderíamos, com toda certeza, esperar

o pior. No melhor da prova, porém, uma importante avaria na ignição, eliminou a bicilíndrica de Ferri.

Entre a MV-Agusta de Ubbiali e a Mondial de Provini, destacou-se a primeira máquina, que manteve uma ligeira superioridade devido à aceleração da máquina bi-eixo campeã do Mundo, já tudo se sabia. Surpreendeu, por vezes, o nível alcançado pela Mondial, que quase igualou as possibilidades da MV-Agusta, obtendo o seu motor, sem modificação das características, a potência de 19 cavalos a 12.000 rotações, que é o rendimento da bi-eixo da marca de Cascina Costa.

Por fim, houve um último motivo de interesse apreciável: a clara afirmação da Gilera de quatro cilindros, com side-car, de Albino Milani, possuidora, entre tantas, de uma supremacia assombrosa. Pareceu-nos também estranho o facto de entre a bicilíndrica B. M. W., vencedora no ano passado, e a monocilíndrica Norton, tenha prevalecido esta última, com a conquista do segundo lugar.

Traduzida por Mário de Carvalho

ACROBACIA

(Continuação da página 5)

tivos para que todos — mesmo os pobres — pudessem presenciar, gratuitamente, exhibições de motociclismo. Não são só os endinheirados que devem ter direito à vida. Por mim, sou dos que entendem que no desporto deve existir alguma coisa de superior a antipáticas preocupações de ordem monetária ou de pagamento de taxas». Suponho estar com a boa causa.

MOTOS SCOOTERS

Reparações e transformações em todos os géneros

Miguel Salgado

RUA BARÃO DE SABROSA, 330 (AO AREEIRO)

TELEF. 725624

LISBOA

Os Regulamentos e a Federação

TIRANDO aqueles que são elaborados por pessoas de reconhecida competência, de uma forma que vai tornando-se notória, os regulamentos de várias provas — principalmente de ginastas — são de uma pobreza conflagradora.

Compreende-se que a inexperience nas andanças motociclistas possam justificar a sua elaboração, mas já não se pode aceitar ou admitir que os homens que estão à frente da nossa Federação os aprovelem.

Verificando-se que existem na Federação pessoas de reconhecida competência e de larga experiência, não compreendemos como esses regulamentos aparecem em público. Será que as pessoas competentes que existem na Federação não lêem os regulamentos? Será que, se os lêem, o fazem superficialmente? Desde que essas pessoas competentes estejam à frente da comissão encarregada de aprovar os regulamentos, nada justifica que os mesmos não reúnem condições essenciais de eficiência.

Um mau regulamento pode estragar uma prova, desprestigiar a modalidade, contribuir para o afastamento das lides desportivas e dar lugar a reclamações.

Um regulamento tem que ter princípio, meio e fim e ser minuciosamente elaborado, prevendo, tanto quanto possível, todas as hipóteses.

E, já que estamos falando de regulamentos, convém chamar também a boa atenção da Federação para o hábito, que já está constituindo abuso, de se alterarem os regulamentos à última hora, por tudo e por nada e, muitas vezes, para ser agradável a este ou àquele.

Um concorrente quando se inscreve é porque o regulamento lhe interessa e está disposto a disputar a prova nas condições estabelecidas. Se o que se regulamentar passa a ser letra morta pode sentir-se prejudicado, além de ter sido iludido. Se o concorrente pagou a sua inscrição — as mais das vezes bastante exorbitante — para disputar uma prova em determinadas condições e à última hora ou mesmo no decorrer da prova esta é modificada, sem que possa reaver o seu dinheiro, foi como se lhe tivessem impingido um género adulterado ou vendido gato por lebre.

À Federação compete velar pelos interesses dos motociclistas e, portanto, há que pôr travão, desde já, a estes abusos.

S. M.

MOTOCICLISTAS E PEÕES

PEÕES E MOTOCICLISTAS

Sabemos que é dever de todo o motociclista (e quando falo de motociclistas, incluo todos aqueles que andam sobre duas rodas motorizadas), ter o máximo cuidado e atenção para evitar desastres que em certos casos, infelizmente, são fatais e que em todos e quaisquer, são sempre desagradáveis.

Ora acontece, e muito justamente, que se um motociclista atropela um peão, responde pelos danos que lhe causou, quer tenha ou não seguro e quer tenha ou não, bens materiais; se estes não existirem, vai parar à cadeia e estará lá o tempo que lhe for designado em relação com a sua culpa e com os prejuízos causados e pelos quais não respondeu.

Tudo isto está absolutamente certo!

Apreciemos agora as responsabilidades dos peões.

Sabemos também todos que o peão pode andar como quizer e por onde muito bem entender, não tendo responsabilidades para com terceiros, e é do conhecimento de todo o motociclista, que um peão que distraidamente atravessa uma rua ou uma estrada, lhe pode causar a morte, sem que tenha que dar contas dos prejuízos causados.

Pergunta-se agora:

1.º — A vida que se perdeu por culpa do motociclista tem maior valor do que a que se perdeu por culpa do peão?

2.º — Porque não são detidos os peões quando provocam um acidente?

No entanto e justamente, o motociclista que provocar um desastre grave é detido e, até ser julgado, só prestando uma fiança andará em liberdade.

Fica-se julgando assim, que se entendeu que todo aquele que, por necessidade ou prazer usa moto, automóvel, etc., é rico, enquanto que os que andam a pé são pobres.

Sim! a diferença de responsabilidades de uns e outros é tão evidente, que somos levados a supor que a ideia que paira no espírito dos legisladores é aquela, dado que até aqui se têm esquecido em absoluto dos que, embora utilizando veículos motorizados, morrem por culpa exclusiva dos que passeiam a pé e possivelmente a gozar dos rendimentos.

Restam-nos pedir que sejam criadas por quem de direito, responsabilidades para todos, a fim de que, cada um, tenha em conta o que faz e como procede.

João Viegas Faísca



JÚLIO MIRANDA

Fabricante de taças de casquinha
HÁ MAIS DE VINTE ANOS

Fornecedor dos principais clubes do País

GRANDES DESCONTOS AOS CLUBES

Peça catálogo ilustrado

Travessa da Cruz de Soure, 2

Telefone 28991

LISBOA

1.º Circuito Motociclista de Lisboa

TREINOS

Prova—«GRÊMIO AUTO. MOTOS E IND. ANEXAS» - CLASSE F - Scooters até 150 CC.

N.º	NOME	MARCA	Volta mais rápida	Média	Lugar ao alinhar
4	José Maria Lino	Moby	2m., 24, 78 s.		6.º
16	Rui de Noronha	Vespa	2m., 06, 29 s.		2.º
22	António Agostinho Silva	Vespa	2m., 12, 29 s.		5.º
23	Fernando Espírito Santo	Vespa	2m., 07, 97 s.		3.º
34	Vasco Perdigão Garcia	Parilla	2m., 02, 02 s.	81, 134	1.º
68	António Rodrigues	Heinkel	2m., 08, 22 s.		4.º

Prova—«MOTO CLUBE DE LISBOA» — Classe I — Scooters com side-cars

N.º	NOME	MARCA	Volta mais rápida	Média	Lugar ao alinhar
53	Angelo Nunes Dinis	Heinkel	2m., 32, 83 s.		5.º
54	Amílcar Alves	Heinkel	2m., 24, 57 s.		3.º
55	Vasco G. Franco	Heinkel	2m., 40, 61 s.		7.º
56	Vasco Fonseca	Heinkel	2m., 40, 68 s.		8.º
57	António Rodrigues	Heinkel	2m., 23, 91 s.	68, 793	1.º
58	Dinis Salgado	Heinkel	2m., 29, 94 s.		4.º
59	José Luís Salgado	Heinkel	2m., 24, 27 s.		2.º
60	António Fernandes	Heinkel	2m., 33, 36 s.		6.º

Classificações

(Continuação da página 6)

Oliveira — Kreidler — 26,58,68; 10.º — 8. Alvaro Mendes Ferreira — Cucciolo — 26,59,86; 11.º — 11. Armando Inácio Brito — Cucciolo — 26,49,55; 12.º — 74. Albertino Dias — Zundapp — 28,41,49, todos com 11 voltas; 13.º — 83. Diogo de Sousa — Alter — 27,31,06. com 10 voltas; 14.º — 43. Joaquim L. Ferreira — Pachanchinho — 20,55,88, com 8 voltas.

3 outros concorrentes não obtiveram classificação — Número insuficiente de voltas. Volta mais rápida: concorrente n.º 44. com 2 min.,09.

Prova — *Obra Social da Fragata D. Fernando* — *Velomotores Sport* — Classe H.

1.º — 105. Eduardo Silva — Cucciolo — 27,07,29; 2.º — 18. Manuel Matos Pinto, — Kreidler — 28,16,09; 3.º — 104. Fernando Coelho da Silva — H. M. W. — 28,23,24, todos com 11 voltas; 4.º — 90. Carlos Barreiros - Parilla - 26,25,24; 5.º — 93. Carlos Matos Conceição — Parilla — 27,37,10; 6.º — 94. José Matos Conceição — H. M. W. — 27,40,49, todos com 10 voltas; 7.º — 73. Raúl Coelho — Zundapp — 28,03,85; 8.º — 91. Manuel Silva Alves — Frejus-Rex — 29,14,93, ambos com 9 voltas; 9.º — 92. Fernando Moreira Carvalho — Ardito — 28,36,86, com 8 voltas.

5 concorrentes não se classificaram — Volta mais rápida do concorrente 105: 2,24,65.

(Continua na página 3)

CINAL PACHANCHO

à frente!

MONTIJO

30 DE SETEMBRO DE 1956

1.º CIRCUITO NACIONAL DE MONSANTO

1.º — José Martins Ferreira

2.º — José Ferreira da Silva

4.º — Fernando Pinheiro da Silva

5.º — José Mayer de Castro

15 DE SETEMBRO DE 1956

2.º CIRCUITO DE ALVALA'DE

1.º — José Ferreira da Silva

2.º — Joaquim Lourenço

3.º — José Martins Ferreira

5.º — José Mayer de Castro

À FRENTE ONTEM,
HOJE E SEMPRE!



Porto — Cinal, Lda. — R. de Sta. Catarina, 620-624 — Tel. 3 2345

Lisboa — Américo Rodrigues, Lda. — Av. F. Pereira de Melo, 17-A — Tel. 55238

Coimbra — Cielo-Cinal Coimbra, Lda. — R. da Fig. da Foz, 11-A — Tel. 2552

Braga — Centro Ciclista do Minho — Tel. 2533

DE TODO O MUNDO

NOVIDADES

Motofone

A Dinamarca produz actualmente uma espécie de telefone, muito prático para inter-comunicação entre o piloto e o passageiro.



É um invento bastante original e de manifesta utilidade, principalmente nas longas viagens e nas provas de regularidade em que o «pendura» se torna num magnífico auxiliar.



PARA AS SENHORAS



comendamo-la às nossas leitoras.

FARINA, o famoso volante italiano, falando recentemente acerca da mentalidade do automobilista e do que deveria ser a sua instrução psicológica, fez as seguintes considerações que dedicamos a «certos» automobilistas lusitanos:

«Na escola psicológica deveria explicar-se, antes de mais nada, o que é a mentalidade do automobilista e o que ela deveria ser.

É necessário não só instruir uma pessoa a guiar um automóvel como também a saber conhecer as dificuldades de quantos vamos encontrando ao longo duma estrada.

UM CONSELHO DE

Nino Farina

Estamos habituados a rogar graças aos ciclistas, aos «motoristas» e aos carroceiros, mas não temos a menor ideia das dificuldades que defronta quem segue numa bicicleta ou numa motocicleta, ou quem conduz um cavalo.

CAPACETES de protecção

Tipo aviação



É uma novidade francesa que já chegou a Portugal. O primeiro destes capacetes vendido entre nós foi utilizado no 1.º Circuito Motociclista de Lisboa, no Monsanto.

Como se pode apreciar pela gravura, trata-se de um capacete de grande protecção, excelente para competições de velocidade.

Está fabricado em fibra de vidro de alta resistência e guardado interiormente de borracha esponjosa coberta de cabedal.

O melhor seria o dono experimentar pessoalmente encontrar-se nas condições daqueles com quem amanhã terá que haver-se.

Existem situações em que o ciclista, o «motorista» ou o carroceiro não podem proceder de maneira diferente da que adoptaram. É necessário ter, pois, paciência e compreensão, respeito pelos outros e especialmente pelas mulheres, pelos velhos e por todos os que trabalham e que, necessitando de circular com volumes ou cargas, desempenham uma tarefa incómoda para si próprios mas útil para os outros.»

Solidariedade na Estrada

A Solidariedade não deve ser uma palavra vã. O egoísmo é uma arma de dois gumes, que pode ferir quem a utilize. Possuir um veículo motorizado estabelece um ponto de partida para a solidariedade. Não se deve deixar na estrada, sem apoio, quem teve uma «pane» — seja ela de que natureza for. É cómodo seguir em frente, mas pode suceder que mais adiante o mesmo lhe aconteça e, então, já não será tão cómodo ver passar os outros sem parar.

A solidariedade na estrada é honrosa para quem a pratica e um símbolo do verdadeiro condutor. A solidariedade não deve existir apenas entre os motociclistas, velomotoristas, scooteristas ou automobilistas, cada um de per si, mas em todos relativamente a cada um.

Porque não há-de o automobilista precisar do velomotorista?

Porque não há-de o velomotorista precisar do automobilista?

Se todos nós tivermos sempre pronto um gesto de solidariedade e compreensão pelas dificuldades alheias, teremos dado um grande passo em frente para aproximar os homens, para contribuir para a fraternidade que cada vez vai sendo mais necessária entre nós.

Solidariedade na estrada, solidariedade nos interesses mútuos, solidariedade no desporto, solidariedade no bom cumprimento das regras de trânsito, solidariedade na conservação da integridade física dos indivíduos!

Na solidariedade se encontrará a defesa de uma causa justa.

Quantas vezes se perdem horas e horas para reparar uma avaria insignificante. Quantas vezes um litro de gasolina dado de boa vontade chega-

ria para percorrer o espaço que nos separa da bomba mais próxima. No entanto, penosamente, ou se empurra o veículo ou se calcurreia a pé a distância, enquanto, sarcásticamente, os outros condutores vão passando por nós em louca correria, indiferentes ao retrovisor, que reflecte as suas próprias dificuldades em qualquer outro momento, que poderá muito bem estar a alguns escassos metros.

Talvez que pela atitude desumana adoptada por outros condutores para conosco nos sintamos inclinados à vingança. Todavia havemos de considerar que a vingança é a arma dos torpes e dos fracos e em nada nos aproveita. É preciso que saibamos ser superiores e paguemos sempre com o bem o mal que nos fizerem.

Quando alguém estiver parado na estrada ao pé do seu veículo, não devemos esperar que nos peça auxílio. Devemos oferecer-lho espontaneamente. Ninguém, certamente, por pior que seja, ficará isensível a uma gentileza. Quando nos agradecerem o auxílio prestado, devemos simplesmente dizer:

— Nada tem a agradecer. Você será capaz de fazer o mesmo por mim em qualquer altura.

Daremos assim uma lição de civismo e de solidariedade que não deixará de ser proveitosa e dar os seus frutos. Estas palavras ficarão gravadas na mente do indivíduo que auxiliámos e que não hesitará em fazer o mesmo a qualquer outro que possa encontrar nas mesmas circunstâncias em que

esteve.

Para benefício comum, estabeleçamos e incrementemos a solidariedade na estrada.

José dos Santos Marques

O Trofeu «BRIO DESPORTIVO»

oferecido por MOTO *Jornal* para o

I Circuito Motociclista de Lisboa

encontra-se exposto em Lisboa na

Camisaria Primaz

Rossio, 114

e foi fabricada pela conceituada casa

Júlio Miranda



NAZARÉ

23 de Setembro de 1956.

O TÁ-MAR exibiu-se no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa.

Preenchendo a 2.ª parte de um Serão para Trabalhadores organizado pela F. N. A. T. brilhou em grande plano. Tanto que as ovações dispensadas ao fim de cada número, por um público freneticamente sacudido de entusiasmo, pareciam não ter fim. E assim é sempre. Onde quer que o Rancho Tá-Mar interprete o curioso folclore da Nazaré ele deixa, bem profunda no auditório, uma impressão que só a beleza do Sublime comunica. Podem ser de todas as classes de cultura os espectadores que sempre a força do aplauso é igual; pode o rancho misturar-se com os ranchos de todos os países que sempre o resultado é o mesmo. Extraordinário ainda é o brio desses rapazes e raparigas, gente simples da lida do mar ou filhos de pescadores! Agora no Pavilhão dos Desportos deu-se um facto que passou fora do alcance dos espectadores e de tal monta que estes, a terem disso conhecimento, não sei onde iriam buscar mais veemência para aplaudir.

Foi só isto: antes — ou já dentro da exibição — calhou partir-se uma das lâmpadas que iluminavam o estrado, espalhando-se por este os pedaços de vidro. Pois o rancho passou e bateu com o mesmo entusiasmo, a despeito de que se lhes enterassem nos pés os bocados da lâmpada. Terminada a

sua participação na festa, desfilaram garbosamente, como sempre, e recolheram a uma cabina onde cada um tratou de retirar dos pés as lascas que, como é de calcular, não teriam a doçura de um «leito de rosas»...

Bravo! — E' o que, à falta de melhor, nos apetece exclaimar!

— O verão acabou. Já no-lo disse o calendário e agora os castelos escuros das nuvens outonais que cortam o espaço vindos quase sempre das bandas do sudoeste. Pensando bem, sempre estiveram connosco, há uns bons doze meses, as borrasças e as suladas.

Realmente, foi uma coisa estranha este Verão. Instável, destemperado... Quem não soubesse a quantas andava a respeito de estações, havia de sentir-se confundido ao ver surgir sempre a um dia de razoável calor outro chuvoso e frígido. Mas quem manda nos Tempos lá terá suas razões. Não vale por isso protestar. Agora o melhor é fazer de conta que acaba de passar um Verão com V grande e aceitar o Inverno, que já nos entra em casa, quer queiramos quer não, vestido ainda das penumbras desta meia estação e perfumado com o odor sabroso das frutas maduras.

Ainda por aqui andam os nossos *palecos*, que são o traço que une — ou separa — Verão e Inverno. Benditos os *palecos*! Eles são o narcótico suave que nos faz passar do sonho à realidade, com uma doçura semelhante

a que se tem quando se acorda, aos primeiros raios de sol, de um sonho muito diáfano. Benditos os *palecos*, que nos lembram o direito que todo ser humano tem a gozar o merecido devaneio de quem moureja e revolve a Terra — Mãe durante as épocas agrícolas! Benditos os *palecos*, que foram eles que fundaram esta Nazaré — praia de banhos — e são eles que, todos os anos, nos deixam entregues à poesia trágica ou melancólica dos dias tristes de inverno como quem diz: «Nazaré! Vive agora a tua verdadeira vida. Já somos demais. Nós vamos revirar a terra, doma tu o mar selvagem. Boa sorte. Boa Noite!»

Quem viu a colorida amálgama de barracas e toldos no Agosto e ainda no Setembro, e vê agora, cada dia mais, os seus esqueletos fazendo drapejar ao vento — almas que teimam em não abandonar o corpo — os panos picados das intempéries, sente inevitavelmente, morrendo num suspiro de Sol — Poente, a mesma agridoce despedida: Boa Sorte! Boa Noite!... — (C.)

José Teodósio da Silva

(Herdade)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licóres, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos.

Rua Formosa 8 — Telef. 026204 — 9

MONTIJO

Beja

Abastecimento de electricidade

Entrou há poucos dias em funcionamento uma linha de alta tensão, a 60.000 voltes, entre as subestações de Ferreira do Alentejo e esta cidade, pertencente à Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, distribuidora de energia a vários concelhos deste distrito.

Dentro de poucos meses, inaugurar-se-á, também, o edifício da subestação de Beja, onde ficarão instalados os serviços de escritório da companhia, em vias de acabamento.

Ao início do funcionamento da nova linha, assistiram o sr. dr. Marques Frago, Governador Civil do distrito e dr. José António Silva, que no local foram recebidos pelo sr. dr. Correia Figueira, presidente do Conselho de Administração da Companhia, vários engenheiros e agentes técnicos.

Depois de terem feito uma demorada visita às obras em curso, o sr. Governador Civil e o Presidente da Câmara, ligaram os cabos respectivos que puseram em funcionamento a dita linha.

O sr. dr. Correia Figueira agradeceu, então, a presença daquelas individualidades e afirmou que a Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, deseja desenvolver uma acção que sirva bem os interesses da província.

Que esses desejos se concretizem são os nossos votos, a bem do Alentejo. — (C.)

Pela IMPRENSA

Notícias dos Arcos — Prezado confrade que se publica em Arcos de Valdevez e de que é director o sr. Vasco Pereira de Castro, completou com seu n.º 858, de 14 de Outubro, 26 anos de existência.

Saudamo-lo afectuosamente e desejamos-lhe infinitos anos de prosperidades.

Maria da Fonte — Póvoa do Lanhoso — Este jornal transcreveu no seu n.º 17 (15.ª série) o artigo do nosso Director intitulado «Não há grande, nem pequena imprensa: há apenas Imprensa».

Muito gratos pela amabilidade.

Portugal d'aquém e d'além Mar — Também esta excelente revista ilustrada, que se publica em Lisboa sob a Direcção do sr. Manuel dos Santos Guerra, transcreveu no seu n.º 77, de Setembro passado, o mesmo artigo, dando-lhe grande relevo e perfeito acôrdo.

Muito penhorado, agradecemos a extrema gentileza.

Jornal do Comércio — Completou em 17 de Outubro 103 anos de publicação o nosso prezado colega *Jornal do Comércio*, que tem servido esforçada e fielmente as actividades económicas e os próprios interesses superiores da Nação.

Ao seu Director e a quantos nele trabalham, endereçamos os cumprimentos afectuosos da nossa camaradagem e admiração.

Tendo V. Ex.ª que efectuar Seguros em qualquer ramo não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

N.º 28

Folhetim de «A Província»

25-10-956

Aldeia do Avesso

Por Alvaro Valente

— Muito prazer! Muito prazer! Com que então, tratando da horta. Pois eu, cá vim para conhecer a família do Joaquim, o meu protegido. O rapaz vai bem, sabem? Faz-se qualquer coisa dele. É questão de tempo; e se continuar a portar-se como até aqui, ainda o havemos de ver feito artista ao lado dos outros. Pois então?

E enquanto falava, devorava-a com os olhos e assentava mentalmente:

— Sim, senhor. Que rica mulher! Não lhe falta nada para um belo conchego... É parôla? Deixá-lo... Talvez inda melhor.

E continuou: — Pois, menina... Não sei a sua graça...

— Ermelinda, uma sua criada..., respondeu-lhe ela, aflita com a inspecção.

Aquele modo de a olhar era já dela conhecido, era o mesmo do primeiro dia que a vira. Parecia que a queimava lá por dentro, que lhe atravessava o corpo em todas as direcções!

— Pois, menina Ermelinda. Se mo permitirem, virei por aqui mais vezes para a conversa. Vivo muito só. Não tenho ninguém nesta terra; e o meu lugar de «encarregado» das obras traz-me tantos aborrecimentos que preciso de desabafar com gente amiga. Não se hão-de arrepender, podem crer. Hei-de ajudá-los no que puder... Têm direito também a viver com mais cómodos... Coitados!

A velhota cortou logo: — Sempre que quiser, sr. Morais. A nossa «ribana» está sempre às ordens.

Papejaram ainda por mais um bocado.

A moça não dera duas palavras durante o resto da visita; e ele, por decência e cálculo, resolvera partir.

Não convinha, numa primeira investida, ir mais além...

Elas vieram até a porta acompanhá-lo e esperaram que ele voltasse a esquina, em baixo, na curva do «Palonso».

E o sr. Morais, todo cortês e fístor, virou-se e disse-lhes «adeus» com um sorriso prolongado.

* * *

Na aldeia rotejara-se o caso.

Nas terras pequenas «correm bando» as novidades. Fervilhavam os comentários, aqui e ali, nos intervalos dos xaréis e ao encher das cântaras na bica do largo.

— Aquilo, está aqui, está-lhe no papo.

— Ainda havemos de ver a mosca choca a «dar ao penacho», toda regalória, que ninguém a atura.

— Deram-lhe na fraqueira...

— Ela bem se estabaniu com o Joanico; mas ele é que não esteve pelos ajustes. Tem «pássara» mais de arriba.

— E dizem que na primeira «cascada» haverá espiga de milho-rei pró sr. Morais, pois. E à coleção, — deixa! — meu dito meu feito, em qualquer recha se arruma o caso...

Vamos então a ver o que sai disto tudo. Pouco virá quem não verá!

— Boa vai ela, sr. Quintela!

A porta do «Roberto», sentados em bancos de corrida, — uma táboa vergada e quatro pés —, o velho Santana e certos marmanhões arranchavam no mesmo assunto:

— Se é o que anda constório, a coisa vai na grande...

— O que há? — interrogou o filósofo.

— Trapalhadas...

— Não estejam com cácheras. Vomitem tudo, c'os diabos!

— Ah! é verdade. Vomecê, como está lá para a estrebaria, não está ao facto...

(CONTINUA)

PÁGINA DE POESIA

Versos novos a Henrique

Do livro «Portugal é Grande»

*As trevas, que densas, da Média Idade,
Serenos, soberbo, desafio soou:
A voz de Henrique...*

*Em Sagres ardia fogueira sem fim
Lavrando futuros,
O peito de Henrique...*

*E havia lonjuras, queres profundos,
Enigmas, abismos,
Nos olhos de Henrique...*

*E monges estranhos,
Dobrados em riscos sobre papéis
De coisas do mar, que vinham contando,
Avançam milénios o mundo parado,
Ao mando de Henrique...*

*Que dedos quietos, e logo nervosos,
Regem distâncias, vêem mistérios,
Os dedos de Henrique...*

*Que lábios cerrados, por dias e dias,
— Falando sem eles, falando consigo...—
Os lábios de Henrique...*

*O mundo redondo, ignoto e perdido,
Envolto nos mares, rodado e aberto
Foi todo à navalha da quilha das naus,
Herdeiras da sina, da fé, da certeza
Do plano de Henrique...*

*Que filho tiveste, ó rei de Portugal!
Que sonhos sonhasse
E sonhos passasse
Ao sangue da grei, que fossem quais foram
Os sonhos de Henrique?!...*

*E' ano de festa, de festa da Pátria,
O' povo imortal, o' povo sem par,
Por causa de Henrique!...*

*E' ano de fama, é ano de glória,
O' lusos valentes, ó lusos altivos,
Cantemos, gritemos,
Ufanos, unidos, à Terra inteira,
O nome de Henrique!...*

L. ROSA BRUNO

FERNANDA

Esta é a Fernanda
— A das belas tranças,
A de corpo de fruto meio azedo,
A que brinca e baila como as crianças
Em seu folgado!...

Esta é a Fernanda
— A dos olhos fundos,
Tão negros como a noite mais sombria,
Dois olhos que são dois mundos
De poesia!...

Esta é a Fernanda
— A dos lábios rubros que estremecem
De emoção;
A dos seioszinhos altos que parecem
Um simples palpitir de coração!...

Esta...
Esta é a Fernanda
— A criança áltiva
De quinze anos (que ainda vai fazê-los);
A que ama e se tornou cativa
Dum beijo ao de leve pousado em seus cabelos!...

P. da C.

?...

Mas quem és tu que vens, tão mansamente,
Rodear o meu berço de menina
Em tentativas de ave pequenina?
— Eu sou a Inspiração. — disse, fremente.

— E tu, ó nuvem ténue de bonança?
Como és linda, risonha e tão fagueira,
E me embalas de forma tão ligeira!
— Quem serás tu? — Eu chamo-me a Esperança.

— E tu, amor, doirado e cor de rosa,
A doidejar, como uma mariposa,
E com quem brinco às vezes? — Sou o sonho!

— E tu, senhora, tão serena e forte?
— Eu sou a Realidade! Eu trago a morte
E cubro a Vida com meu véu tristonho!

Maria Albertina Baeta

Parábola de Cristo

Jesus, um dia, prégava à multidão
O seu Verbo divino e fraternal.

E Ela ouviu-O extasiada.

Mas nesse mesmo instante,
Junto às arcarias dum portal,
Ouve-se um grito trágico, lancinante...

Há grande borbórinho,
Exaltação...

E dessa onda humana,
Uma bela mulher, pálida, desgrehada,
Foge em desalinho
E ajoelha, chorando aos pés de Cristo.

— Quadro de humildade nunca visto!

Alguns mais ousados tentam arrancá-la
De junto de Jesus,
— Que só doçura e compaixão
O seu olhar dimana!

E gritam o seu ódio, a infamá-la:

— «É uma adúltera, Senhor,
Essa mulher!
Se merece castigo o pecador,
Queremos castigá-la!»

E banhado de luz,
Jesus responde:

«Atirai-lhe a primeira pedra quem puder!
E dizei-me aonde existe...
Quem sentir dentro da alma... no seu fundo,
Que nunca um só momento
Pecasse pela carne... ou pensamento!

Já quase dois mil anos se passaram
Em que Jesus falou assim no mundo,
(Cada vez pela ambição mais depravado...)
...E os homens e as mulheres não mudaram
Na isenção da culpa... e do pecado...

Manuel Giraldes da Silva

Apocalipse

— Deixem-me passar,
Deixem-me atirar aos ventos esta loucura atroz
Desta vil condição de deserdado.
Deixem-me levar caminhos de vencida;
Se me firo na dureza da corrida
Porque hei-de começar onde acabo?

Deixem-me passar,
Como um rio transbordante a marulhar,
Que continuam a encher e conspurcar
De detritos, injúrias e sarcasmos;
Mas, com as margens fumegantes,
Continua veloz e indiferente
A rogos e marasmos...

(Tenho apenas afagos do plácido luar
E os abraços do vento, meu irmão,
Segredando-me silente,
Uma lúgubre canção).

Deixem-me passar,
Deixem-me viver.
Porque não hei-de amar os cumes da miragem,
O colorido incerto da paisagem
E os fragorosos abismos da Ilusão?
Não me tolham da direita,
Nem me tolham da esquerda...
— Pra que escureceis os meus alvos ideais,
Tal qual como nasceram,
Como as alvas quimeras dum puro coração?

— Por mais que tolham o caminho
Hei-de passar!

Manuel Rovisco

A MINHA CASA

Relembro a doce casa onde nasci.

Quatro paredes erguidas
Num abraço fraternal
De poucos metros quadrados.

Era pequena, decerto;
Mas vagueava nela uma esquisita
Lembrança de castelos e conventos...
Uma tristeza misto de ternura...

Qualquer coisa assim como a certeza
De se saber a casa de um poeta...

Olhando-a, quantas vezes idealizei
Torná-la num palácio majestoso,
Enorme, principesco, refulgente!...

Sonhos que foram sonhos doutros sonhos...

Ah! como eu gostava de beijar agora
O rosto envelhecido
Da casa pequenina onde nasci...

Eduardo Olímpio Espada

Do seu livro «AS ESMOLAS DO MENDIGO»